



AMAR SE APRENDE
AMANDO

**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**



**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**
AMAR SE APRENDE AMANDO
POESIA DE CONVÍVIO E DE HUMOR

postrácto
Fábio Cesar Alves

COMPANHIA DAS LETRAS

COLEÇÃO CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
CONSELHO EDITORIAL

Antonio Carlos Secchin

Davi Arrigucci Jr.

Eucanaã Ferraz

Samuel Titan Jr.

Sumário

CARTA DE GUIA (?) DE AMANTES

Reconhecimento do amor

Além da Terra, além do Céu

O tempo passa? Não passa

O mundo é grande

Amor

Seis manequins

Úni dúni têni

Lira do amor romântico

O amor antigo

Epitalâmio

O amor determina

A lamentável história dos namorados

O CONVÍVIO IDEAL

O combate da luz

Fazer 70 anos

O correio de amigos é doçura

O que Alécio vê

Esboço de figura

“A kiss, un baiser, un bacio”

Versos para Ana Cecília, do Recife

Sequestro de Guilhermino César

Eu quisera ver o mundo

A festa de Ziraldo

Companheiro

Diante das fotos de Evandro Teixeira

Centenário

Em memória de Alphonsus de Guimaraens

O destino de Edgard Mata
Volto à casa de Helena
Primeiro morto
Reunião em dezembro
Presença de Mira
Odylo, na manhã
Tim-tim para Luís Martins
O escritor
Alceu, radiante espelho

ALEGRIAS E PENAS POR AÍ
Relatório de maio
Miniversos
Ai dos macacos
Festival em verso
A semana foi assim
As notícias
Lira pedestre
Assanhamento
Em março, esta semana
A Bolsa, o bolso
A queda
Praia palma paz
Pré-inverno
Microlira
Nova Rua São José
Textos mínimos
Notícias de janeiro
Carnaval chegando
Esparsos de 1976
Conversa de amigos
Foi-se a Copa?
Conversa com o lixeiro
Rio em flor de janeiro

Ver e ouvir, sem brincar
Brinquedos para homens
A excitante fila do feijão
A amiga voltou
Liquidação de inverno
Tempo de ipê
Aqui havia uma praça
Salário
O poema da Bahia que não foi escrito
Sonetos heredianos

Posfácio

Amor em tempos sombrios,

FABIO CESAR ALVES

Leituras recomendadas

Cronologia

Crédito das imagens

Índice de títulos e primeiros versos

*“O amor que move o sol,
como as estrelas.”
O verso de Dante
é uma verdade resplandecente,
e curvo-me ante a sua magnitude.
Ouso insinuar,
sem pretensão a contribuir
para que se desvende o mistério amoroso:
Amar se aprende amando.
Sem omitir o real cotidiano,
também matéria de poesia.*

CARTA DE GUIA (?) DE AMANTES

RECONHECIMENTO DO AMOR

Amiga, como são desnorteantes
os caminhos da amizade.
Apareceste para ser o ombro suave
onde se reclina a inquietação do forte
(ou que forte se pensava ingenuamente).
Trazias nos olhos pensativos
a bruma da renúncia:
não querias a vida plena,
tinhas o prévio desencanto das uniões para toda a vida,
não pedias nada,
não reclamavas teu quinhão de luz.
E deslizavas em ritmo gratuito de ciranda.

Descansei em ti meu feixe de desencontros
e de encontros funestos.
Queria talvez — sem o perceber, juro —
sadicamente massacrar-te
sob o ferro de culpas e vacilações e angústias que doíam
desde a hora do nascimento,
senão desde o instante da concepção em certo mês perdido na História,
ou mais longe, desde aquele momento intemporal
em que os seres são apenas hipóteses não formuladas
no caos universal.

Como nos enganamos fugindo ao amor!
Como o desconhecemos, talvez com receio de enfrentar
sua espada coruscante, seu formidável
poder de penetrar o sangue e nele imprimir
uma orquídea de fogo e lágrimas.

Entretanto, ele chegou de manso e me envolveu
em doçura e celestes amávios.
Não queimava, não siderava; sorria.
Mal entendi, tonto que fui, esse sorriso.
Feri-me pelas próprias mãos, não pelo amor
que trazias para mim e que teus dedos confirmavam
ao se juntarem aos meus, na infantil procura do Outro,
o Outro que eu me supunha, o Outro que te imaginava,
quando — por esperteza do amor — senti que éramos um só.

Amiga, amada, amada amiga, assim o amor
dissolve o mesquinho desejo de existir em face do mundo
com olhar pervagante e larga ciência das coisas.
Já não defrontamos o mundo: nele nos diluímos,
e a pura essência em que nos transmutamos dispensa
alegorias, circunstâncias, referências temporais,
imaginações oníricas,
o voo do Pássaro Azul, a aurora boreal,
as chaves de ouro dos sonetos e dos castelos medievos,
todas as imposturas da razão e da experiência,
para existir em si e por si,
à revelia de corpos amantes,
pois já nem somos nós, somos o número perfeito:
UM.

Levou tempo, eu sei, para que o Eu renunciasse
à vacuidade de persistir, fixo e solar,
e se confessasse jubilosamente vencido,
até respirar o júbilo maior da integração.
Agora, amada minha para sempre,
nem olhar temos de ver nem ouvidos de captar
a melodia, a paisagem, a transparência da vida,
perdidos que estamos na concha ultramarina de amar.

ALÉM DA TERRA, ALÉM DO CÉU

Além da Terra, além do Céu,
no trampolim do sem-fim das estrelas,
no rastro dos astros,
na magnólia das nebulosas.
Além, muito além do sistema solar,
até onde alcançam o pensamento e o coração,
vamos!
vamos conjugar
o verbo fundamental essencial,
o verbo transcendente, acima das gramáticas
e do medo e da moeda e da política,
o verbo sempreamar,
o verbo pluriamar,
razão de ser e de viver.

O TEMPO PASSA? NÃO PASSA

O tempo passa? Não passa
no abismo do coração.
Lá dentro, perdura a graça
do amor, florindo em canção.

O tempo nos aproxima
cada vez mais, nos reduz
a um só verso e uma rima
de mãos e olhos, na luz.

Não há tempo consumido
nem tempo a economizar.
O tempo é todo vestido
de amor e tempo de amar.

O meu tempo e o teu, amada,
transcendem qualquer medida.
Além do amor, não há nada,
amar é o sumo da vida.

São mitos de calendário
tanto o ontem como o agora,
e o teu aniversário
é um nascer toda hora.

E nosso amor, que brotou
do tempo, não tem idade,
pois só quem ama escutou
o apelo da eternidade.

O MUNDO É GRANDE

O mundo é grande e cabe
nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
no breve espaço de beijar.

AMOR

O ser busca o outro ser, e ao conhecê-lo
acha a razão de ser, já dividido.
São dois em um: amor, sublime selo
que à vida imprime cor, graça e sentido.

*

“Amor” — eu disse — e floriu uma rosa
embalsamando a tarde melodiosa
no canto mais oculto do jardim,
mas seu perfume não chegou a mim.

SEIS MANEQUINS

Uly, Uly, *lullaby*,
vou contigo para a Lua,
luarando vais levando
uma luz leve de linho,
de trigal maduro e lã.
De passagem no Oriente,
Mailu surge de repente
e todos os véus da Ásia,
as arômatas do Egito,
as musicálias hindus
florescem na flor do ar.
Ó Zula, que noite azul
clareia na tua pele
um mistério que escurece
quando tento decifrá-lo?
Já se dilata a pupila
ante a passagem de Mila,
que, se para ou se desfila,
tantaliza a própria argila.
E Nice, que vem da neve
e da pelúcia mais suave,
incenso, anjinho de nave,
cantando na Lua Nova?
Que não me falte Beatriz,
jardim moreno de altura
para me fazer feliz
no meu reino de aventura!

ÚNI DÚNI TÊNI

Úni dúni têni
salamêni.

Balança, meu bem, balança
entre um e outro trapézio.
No verde tom da esperança,
a cor de prata do césio.

Circula o risco no espaço
como sangue nas artérias.
Os saltos mais perigosos
são florituras aéreas.

No limite da coragem,
no vão entre céu e terra,
um anjo luminescente
zomba da morte e da guerra.

É anjo? ou mulher? ou homem?
Sobre a pergunta sem nexo,
o novo arco-íris desdobra
todos os raios do sexo.

LIRA DO AMOR ROMÂNTICO

Ou a eterna repetição

Atirei um limão n'água
e fiquei vendo na margem.
Os peixinhos responderam:
Quem tem amor tem coragem.

Atirei um limão n'água
e caiu enviesado.
Ouvi um peixe dizer:
Melhor é o beijo roubado.

Atirei um limão n'água,
como faço todo ano.
Senti que os peixes diziam:
Todo amor vive de engano.

Atirei um limão n'água,
como um vidro de perfume.
Em coro os peixes disseram:
Joga fora teu ciúme.

Atirei um limão n'água,
mas perdi a direção.
Os peixes, rindo, notaram:
Quanto dói uma paixão!

Atirei um limão n'água,
ele afundou um barquinho.
Não se espantaram os peixes:

faltava-me o teu carinho.

Atirei um limão n'água,
o rio logo amargou.
Os peixinhos repetiram:
É dor de quem muito amou.

Atirei um limão n'água,
o rio ficou vermelho
e cada peixinho viu
meu coração num espelho.

Atirei um limão n'água,
mas depois me arrependi.
Cada peixinho assustado
me lembra o que já sofri.

Atirei um limão n'água,
antes não tivesse feito.
Os peixinhos me acusaram
de amar com falta de jeito.

Atirei um limão n'água,
fez-se logo um burburinho.
Nenhum peixe me avisou
da pedra no meu caminho.

Atirei um limão n'água,
de tão baixo ele boiou.
Comenta o peixe mais velho:
Infeliz quem não amou.

Atirei um limão n'água,
antes atirasse a vida.

Iria viver com os peixes
a minh'alma dolorida.

Atirei um limão n'água,
pedindo à água que o arraste.
Até os peixes choraram
porque tu me abandonaste.

Atirei um limão n'água.
Foi tamanho o rebuliço
que os peixinhos protestaram:
Se é amor, deixa disso.

Atirei um limão n'água,
não fez o menor ruído.
Se os peixes nada disseram,
tu me terás esquecido?

Atirei um limão n'água,
caiu certo: zás-trás.
Bem me avisou um peixinho:
Fui passado pra trás.

Atirei um limão n'água,
de clara ficou escura.
Até os peixes já sabem:
você não ama: tortura.

Atirei um limão n'água
e cá n'água também,
pois os peixes me avisaram,
que lá estava meu bem.

Atirei um limão n'água,

foi levado na corrente.
Senti que os peixes diziam:
Hás de amar eternamente.

O AMOR ANTIGO

O amor antigo vive de si mesmo,
não de cultivo alheio ou de presença.
Nada exige nem pede. Nada espera,
mas do destino vão nega a sentença.

O amor antigo tem raízes fundas,
feitas de sofrimento e de beleza.
Por aquelas mergulha no infinito,
e por estas suplanta a natureza.

Se em toda parte o tempo desmorona
aquilo que foi grande e deslumbrante,
o antigo amor, porém, nunca fenece
e a cada dia surge mais amante.

Mais ardente, mas pobre de esperança.
Mais triste? Não. Ele venceu a dor,
e resplandece no seu canto obscuro,
tanto mais velho quanto mais amor.

EPITALÂMIO

Para Márcia e Luís Hamilton

Musas latinas, musas gregas, musas
do velho Olimpo e do moderno mundo,
com alto sopro bafejai-me a lira
e dai-lhe o sentimento mais profundo.

Tenho a cumprir nobre missão de bardo,
devo cantar o amor naquele instante
miraculoso, antigo e sempre novo,
de transpassar em luz o peito amante.

Hoje Márcia gentil, neta de Horácio
(poeta ele também, por seus cabelos
de argêntea messe, e ardente coração),
une-se a Luís Hamilton. Só de vê-los,

sinto surdir de oculta fonte o som
de música celeste, que às esferas
sublimes reconduz o ser humano,
e impregna de doçura as próprias feras;

o som da força cósmica, movente
do sol e das estrelas, conhecida,
que o florentino pôs em nobre verso,
e no meu tosco verso eis refletida:

o som do amor, o som do ameno grito
melodioso e santo e grave e jovial,
dramático, dolente, sobre-humano,

trazendo à vida uma razão geral.

Vai, Márcia, sê feliz, e teu esposo
contigo de mãos dadas, tempo afora,
um só sejam os dois, de tal maneira
que pouse a eternidade em cada hora.

Vosso himeneu, dos astros protegido,
seja lição de bem amar, oferta
a quantos, imaturos, desnorteados,
em vão tentam seguir a rota certa.

O sonho em vós se cristaliza e assume
o contorno sensível da existência.
Cada palavra e beijo que trocades
dos deuses conterà a pura essência.

Aqui vos deixo. Aqui vossos amigos,
os da alegria ritos celebrando,
despedem-se de vós. Eia, a caminho.
Tende por certo: amar se aprende amando.

O AMOR DETERMINA

A Matilde e Mário da Silva Brito

L'amour veut qu'aujourd'hui mon ami

André Salmon se marie

APOLLINAIRE

O amor determina hoje que se casem
minha amiga Matilde e meu amigo Mário.
Sua lei é sagrada. Cumpra-se com música
de clavicórdios, clavicímbalos, espinetas,
tiorbas, violas *d'amore*, harpas davídicas,
sem esquecer o fagote, o oficlíde, todos os metais,
e o saçaricante pinho carioca,
mesmo que tais instrumentos não figurem
ostensivamente no ato. Estarão soando
no ar interior que respiram os enamorados conscientes.
E seja esta quinta-feira de perfeita claridade
e sombra mais suave a acarinhar os noivos
de refletida vontade e lúcida escolha.
Emoldure-os a luz. Doure-os o maravilhoso silêncio
entranhado no som,
em que a alegria do amor-conhecimento se entreabre
à feição de flor nascida
do chão mesmo da vida.
E cantemos todos, em torno deles,
em musical ciranda:

M de Matilde

M de Mário

M do centro da palavra amor.

A LAMENTÁVEL HISTÓRIA DOS NAMORADOS

Namorados, namorados,
não vos vejo mais alados,
sublimes, alcandorados
nos miríficos estados
de êxtases multiplicados
em horizontes dourados
de mundos ensolarados.
Estais casmurros, calados
entre carinhos cansados
e sonhos desanimados.
Que vos sucede, coitados?
Acaso foram arquivados
os projetos encantados,
alvo de finos cuidados,
pelos dois armazenados?
Onde os férvidos agrados,
os toques maravilhados
de vossos dias passados?
Namorados, namorados,
deixai-nos desarvorados!

Diviso em vossos semblantes
sombras, traços inquietantes,
diversos dos crepitantes,
abertos e fulgurantes
sinais festivos de antes.
Já não sois doces amantes,
não carregais, exultantes,
o suave peso de instantes

que pareciam diamantes
nos volteios elegantes
dos jogos inebriantes
e nos beijos delirantes
quando adultos são infantes
buscando refrigerantes
que em vez de serem calmantes
inda são mais excitantes.
Já não sois os bandeirantes
de descobertos faiscantes.
Diviso em vossos semblantes
amarguras humilhantes.

Chegou-me a resposta no ar,
após muito meditar
e livros mil consultar:
A inflação tentacular,
com guantes de arrebentar,
ferrou-vos na jugular.
Vosso anseio de morar
em casinha à beira-mar
ou qualquer outro lugar
desfez-se no limiar.
A recessão de lasciar
nem vos deixa respirar,
e de empregos, neste andar,
quem ousa mais cogitar?
Um pacote singular
de rigidez tumular
desaba no patamar
da pretensão de casar.
Chegou-me a resposta no ar:
não dá mais pra namorar.

O CONVÍVIO IDEAL

O COMBATE DA LUZ

A Alphonsus de Guimaraens Filho

O combate da luz
contra os monstros da sombra:
assim tua poesia
é alvorada e angústia.

Pousa a morte nos ramos
do tronco apendado.
Mas da seiva rebentam
novos, florentes cânticos.

Não pode o céu noturno
desfazer os berilos,
os íntimos diamantes
do verso teu ao mundo,

inefável presente
não de matéria vã:
do que melhor define
o fluido sentimento,

o lancinante anseio,
a sublimada essência
do amor, cativo e livre
— teu lírico segredo.

Pois pelo amor resgatas
o pensamento lúgubre,
a dor de antigas fontes,

as perdidas paragens,

e na era absurda crias
a ligação perene
da saudade dos anjos
na chama da poesia.

FAZER 70 ANOS

A José Carlos Lisboa

Fazer 70 anos não é simples.
A vida exige, para o conseguirmos,
perdas e perdas no íntimo do ser,
como, em volta do ser, mil outras perdas.

Fazer 70 anos é fazer
catálogo de esquecimentos e ruínas.
Viajar entre o já-foi e o não-será.
É, sobretudo, fazer 70 anos,
alegria pojada de tristeza.

Ó José Carlos, irmão-em-Escorpião!
Nós o conseguimos...
E sorrimos
de uma vitória comprada por que preço?
Quem jamais o saberá?

À sombra dos 70 anos, dois mineiros
em silêncio se abraçam, conferindo
a estranha felicidade da velhice.

O CORREIO DE AMIGOS É DOÇURA

*A Joaquim-Francisco Coelho,
para informá-lo de um carinhoso silêncio*

O correio de amigos é doçura
que eu cultivo de forma negativa.
As cartas vão chegando, e uma festiva
sensação de amizade mais se apura.

Mas eis que, ao responder, a tentativa
de exprimir esse gosto se afigura
empenho vão, pois que toda a finura
do sentimento escapa à letra viva.

Joaquim-Francisco, ideal correspondente
que ao belo Van de Velde acrescentaste
a mensagem postal mais excelente,

perdoa a quem confessa (pois não mente):
o que a pena emudece por desgaste
no coração floresce plenamente.

O QUE ALÉCIO VÊ

A voz lhe disse (uma secreta voz):

— Vai, Alécio, ver.

Vê e reflete o visto, e todos captem
por teu olhar o sentimento das formas,
que é o sentimento primeiro — e último — da vida.

E Alécio vai e vê

o natural das coisas e das gentes,
o dia, em sua novidade não sabida,
a inaugurar-se todas as manhãs,
o cão, o parque, o traço da passagem
de pessoas na rua, o idílio
jamais extinto sob as ideologias,
a graça umbilical do nu feminino,
conversas de café, imagens
de que a vida flui como o Sena ou o São Francisco
para depositar-se numa folha
sobre a pedra do cais
ou para sorrir nas telas clássicas de museu
que se sabem contempladas
pela tímida (ou arrogante) desinformação das visitas,
ou ainda
para dispersar-se e concentrar-se
no jogo eterno das crianças.

Ai, as crianças... Para elas,

há um mirante iluminado no olhar de Alécio
e sua objetiva.

(Mas a melhor objetiva não serão os olhos líricos de Alécio?)

Tudo se resume numa fonte
e nas três menininhas peladas que a completam,

soberba, risonha, puríssima foto-escultura de Alécio de Andrade,
hino matinal à criação
e à continuação do mundo em esperança.

ESBOÇO DE FIGURA

Antonio Candido ou
Antônio lúcido, límpido,
que conhece e pratica a força imponderável da intuição?
Que funda o juízo crítico no gosto,
— o gosto que em vão se tenta anular, e permanece,
mesmo negado e ignorado, sal da percepção?
Antonio que não cinge a malha de gelo do formalismo
e, com movimentos livres e lépidos,
sente a pulsação culta da obra,
num enlace de simpatia literária?
Antonio a vislumbrar no poema
para além das palavras uma conquista do inexprimível
que elas não contêm
e diante da qual devem capitular?
Antonio atento às *áreas de silêncio entre as palavras*,
nelas distinguindo a misteriosa ressonância
do inexprimível afinal expressado,
fora do poema, pelo seu rastro?
Antonio a perceber no leitor consciente
um vaso novo, em que os cantos do poeta irão combinar-se
de um modo especial e quase único?

Arguto, sutil Antonio
a captar nos livros
a inteligência e o sentimento das aventuras do espírito,
ao mesmo tempo em que, no dia brasileiro,
desdenha provar os frutos da árvore da opressão
e, fugindo ao séquito dos poderosos do mundo,
acusa a transfiguração do homem em servil objeto do homem.

Assim é Antonio Candido, na ativa, discreta pureza dos sessent'anos.

“A KISS, UN BAISER, UN BACIO

A kiss, un baiser, un bacio
para a terra que o acolheu.
Assim quis nosso Stefan Baciú
saudar o Rio antigo e seu.

Não muito antigo, mas trint’anos
tecem uma quase eternidade.
Entre danos e desenganos,
resta porém a claridade

(ou a penumbra) de lembrar
em surdina dias e gentes,
muito doce, bem devagar.
E as coisas tornam-se presentes.

Jornal e bonde e mortadela
comida à pressa, num minuto.
Contra a sorte cinz’amarela,
a Poesia: último reduto.

Praias e ondas do Havaí,
pulsando ao sol e ao vento vário,
não nos tiram Baciú daqui:
carioca ele é, mais que honorário.

VERSOS PARA ANA CECILIA, DO RECIFE

Eis que o tempo chegou de celebrar Ana Cecilia
e sua graça-clarão e seu verdor de tília.

Aqui estou, velho poeta, para quem a juventude
traz em si mesma uma promessa de beatitude,

uma continuação de antes de amanhecer, uma fonte
de sonhos e visões a colorir a linha do horizonte,

um aceno forte de vida, incitando a viver
a magnificente esperança de cada hora, diamante do ser.

Aqui estou e vejo Ana Cecilia em seu fluvial Recife
adornada de mocidade como de um paquife.

Tem sua própria e luminosa florescência,
a mesma de Sônia Maria e de Madalena, e a inefável ciência

das moças brasileiras do passado, refletidas na de 78,
dom contra o qual nada pode nem ousa o tempo afoito,

pois a moça, forma indelével, através de gerações e gerações,
sítios, histórias, alianças, amorosas combinações,

é eternidade no fluir das coisas, instante corporizado
da ânsia de vencer o efêmero e nele inscrever o traçado

de uma ponta entre o humano, o terrestre e o transcendental,
feições todas irmanadas de um fantástico ideal.

E tudo que vejo em Ana Cecilia é a imagem dessa união profunda, como profundo é o amor, e plena de canção.

Que verso darei a Ana Cecilia, se ela é o próprio verso a brotar, espontâneo, da música do universo?

SEQUESTRO DE GUILHERMINO CÉSAR

Ao completar setent'anos

Um dia convoco Cyro dos Anjos e planejo com ele um sequestro.
Voamos (perucas e bigodes despistadores) para Porto Alegre.
Lá ficaremos à espreita na Avenida Independência.
Quando sair de certo edifício um incauto senhor de óculos,
nosso carro lhe embargará os passos
e ele será convidado a seguir conosco
rumo a lugar que bem sabe.
Assim roubaremos Guilhermino César ao País do Rio Grande
e o transportaremos ao País da Memória,
país de cafés-sentados e redações não eletrônicas de jornais,
de repartições públicas onde se cumpria o destino de literatos sem
pecúnia,
autores de discursos que jamais pronunciaríamos,
pois os concebíamos para outros os pronunciarem
no majestático palanque do Poder,
enquanto refocilávamos em orgias
com a ninfa de coxas de espuma e seios-orquídea
chamada Literatura,
nosso maior amor e perdição.

Levaremos Guilhermino para livrarias
que não existem mais,
cinemas, bailes estudantis, piqueniques serranos
que não existem mais,
debates flamívomos, cambalhotas de vanguarda
que não existem mais,
tudo que não existe mais e continua,
anulado, existindo.

Nesse país que foi o nosso
na neblinosa companhia de Emílio Moura,
João Alphonsus, outros, outros
de que já não há notícia terrestre,
reflorescemos
ao som indelével da valsa e do *fox-trot*
brindados pela orquestra do Maestro Vespasiano.

Refloresceremos todos. O tempo, acidente.
Outro, mudanças. Guilhermino
acaba de chegar de Cataguases,
estudante de medicina e ritmo,
nosso mais moço companheiro para sempre.
Nunca sairá daqui, não sairemos.
Ninguém fará de nós os septuagenários que somos,
dispersos, divididos no mapa das circunstâncias.
Este, o nosso eterno, etéreo território.
Aqui assistimos, somos. O resto, aparência.
Este mesmo escrito: aparência,
não a realidade que se refere.
No único país real encontramos-nos em Guilhermino,
o que, menino, pediu ao pai uma bicicleta
e o velho deu-lhe as poesias de Bilac.
Que não nos procurem, não nos importunem. Deixem-nos
fruir o néctar absoluto.

EU QUISERA VER O MUNDO

Eu quisera ver o mundo
como o vê Sérgio Bernardo:
ver, no mundo, os muitos signos
que vigiam sob as coisas.

Sentir, sob a forma, as formas,
os segredos da matéria,
mais a textura dos sonhos
de que se forma o real.

Ver a vida em plenitude
e em seu mistério mais alto;
decifrar a linha, a sombra,
a mensagem não ouvida,

mas que palpita na Terra.
Eu quisera ter os olhos
que assim penetram o arcano
e o tornam (poder da imagem)

um conhecimento humano.

A FESTA DE ZIRALDO

Vou à festa de Ziraldo,
vou levando Jeremias.
Ziraldo vai me mostrando
o tom de Flicts da Lua.
Jeremias, meu compadre,
meu anjo da guarda de óculos,
dá uma de milagreiro
fazendo que a supermãe
largue o súper, se tornando
mãe comum, ao natural.
A festa vai esquentando
dentro e fora da piscina.
Jeremias e Ziraldo
ao soar a concertina
já se tornam Jerizaldo
e Ziralmias, no caos?
Entra a Rainha, entra o Príncipe
da Grã-Britânia ou Caxias,
entra toda a macacada
com sentido na cerveja,
no *hot-dog* e no restante
que se pega ou se fareja,
mas Ziraldo, ziraldando,
e Jeremias, quebrando
o galho de toda gente,
me mostram que a melhor festa,
de todas a mais bacana,
inserida no contexto,
está nos livros-mandinga,

nos *cartoons*, bonecos, bolas
incomparáveis de um certo
mineiro de Caratinga.

COMPANHEIRO

No 80º aniversário de Pedro Nava

Esse mocinho Nava, tão levado,
que nos cafés-sentados deixa a marca
de desenhista baudelairiano
entre cruel e místico, requinte
à Whistler, à Beardsley, a ele mesmo,
em apagadiço mármore de instante,
e na minha aloucada companhia
noturna, entre magnólias de silêncio,
emudece douradas campainhas
de casas transplantadas de Ouro Preto,
onde castos jardins cercam as virgens
de religiosas essências nupciais,
ou vai trocando as coisas de lugar,
a placa do causídico eminente
levando para a porta do dentista,
e a do médico ilustre despejando
no barrento fluir do ribeirão
Arrudas! e mais feitos, não me lembra
(mentira: oh se me lembro e quanto
ao tilintar avaro de memórias
como se moedas fossem, por que não?);
esse Pedro abancado à triste banca
de emprego burocrático vigiado
por severo doutor nada poético:
fugindo à mornidão do expediente
para a aula de anatomia — grande aluno —
ou para o Rio de Janeiro a ver — rever —
imagens que ninguém como ele viu

de velhas ruas, morros e pessoas,
descobrimo, em estético relance,
o nariz grego, a máscara romana,
os retratos de Proust ou Van Leyden
implantados em medíocres semblantes;
esse Pedro que é dois, que é três, é cinco,
aplicado estudante, insano jovem,
esse Pedro quem é? Quem o descobre
completo

lúdico

sério

imprevisível?

senão ele mesmo um dia vai mostrar-se
no desdobrado amor da medicina,
Pedro enrustido no primeiro Pedro
que belo-horizontinamente se aprestava
para o serviço do sofrimento humano
pela manhã — e à noite se entregava
aos anárquicos, doidos exercícios
de nossa boemia antimineira
e tão mineira, sim! em seu desgarre
de sufocadas, montanhosas forças
em luta desigual com o inamovível
senso grave dos queijos e da ordem?
Esse Pedro,

penso às vezes que fui seu lado esquerdo
em tão saudosos, hoje, magros tempos
de busca, de revolta, de amarugem,
de desvairado humor sem rumo certo,
a desviá-lo do seu bom caminho...

Alguns meses mais velho, e má presença
de subversivo incompetente e aéreo,
sem rabo de diabo mas diabólico,
era eu, talvez, seu anjo de desguarda?

Ele se ri de minha culpa, assume-a,
e seguimos os dois, jogando pedras
(oitent'anos vividos, revividos,
transvividos no açúcar da saudade),
e seguimos e estacamos e fugimos
incendiando (ou quase) residências,
no estrelado silêncio de magnólias
ou de damas-da-noite (tanto faz),
pavor de velhos, beijo de meninas,
assunto de censória indignação,
arremetendo
contra o inimigo burguês que nos despreza...
Esse Nava, querido companheiro.

DIANTE DAS FOTOS DE EVANDRO TEIXEIRA

A pessoa, o lugar, o objeto
estão expostos e escondidos
ao mesmo tempo sob a luz,
e dois olhos não são bastantes
para captar o que se oculta
no rápido florir de um gesto.

É preciso que a lente mágica
enriqueça a visão humana
e do real de cada coisa
um mais seco real extraia
para que penetremos fundo
no puro enigma das figuras.

Fotografia — é o codinome
da mais aguda percepção
que a nós mesmos nos vai mostrando
e da evanescência de tudo
edifica uma permanência,
cristal do tempo no papel.

Das lutas de rua no Rio
em 68, que nos resta
mais positivo, mais queimante
do que as fotos acusadoras,
tão vivas hoje como então,
a lembrar como a exorcizar?

Marcas da enchente e do despejo,

o cadáver insepultável,
o colchão atirado ao vento,
a lodosa, podre favela,
o mendigo de Nova York
a moça em flor no Jóquei Clube.

Garrincha e Nureyev, dança
de dois destinos, mães de santo
na praia-templo de Ipanema,
a dama estranha de Ouro Preto,
a dor da América Latina,
mitos não são, pois que são fotos.

Fotografia: arma de amor,
de justiça e conhecimento,
pelas sete partes do mundo
a viajar, a surpreender
a tormentosa vida do homem
e a esperança a brotar das cinzas.

CENTENÁRIO

Francisco Biquiba La Fuente Guarany
conjurou os seres malévolos das águas.
Com o poder de suas mãos meio espanholas,
meio índias, meio africanas,
totalmente brasileiras.
Das mãos de Guarany surdiram monstros
que colocados na proa dos barcos
protegiam os viajantes contra os terrores do rio.
Eram monstros benignos, conjunção de forças milenares
enlaçadas na mente de Guarany.
As águas purificaram-se, as viagens
tornaram-se festivas e violeiras.
E ninguém temia a morte, e o louvor da vida
era uma canção implícita no cedro das carrancas.
Os tempos são outros. Onde as carrancas?
Onde os barcos, as travessias melodiosas de antigamente?
O rio São Francisco está sem mistério e poesia?
A poesia e o mistério pousaram
no rosto centenário de Francisco, irmão moreno
do santo de Assis, também ele miraculoso,
pelo poder das mãos calejadas e criadeiras.

EM MEMÓRIA DE ALPHONSUS DE GUIMARAENS

I

Na violeta do entardecer,
flutua, evanescente, o poema
daquele poeta cujo ser
era só poesia — e suprema.

II

Um poeta, entre muitos, me fascina
por ser mineiro e do País do Sonho.
O luar pousa em seu verso alto e tristonho
e a alma de quem o lê já se ilumina.

O DESTINO DE EDGARD MATA

O poeta é notoriamente Prior do Desgosto,
mora na Trapa da Tristeza,
que é também castelo assombrado
desde a Idade Média ou desde Vila Rica.
O poeta confessa crimes etéreos.
Cultiva um amor noturno, pecaminoso:
a Monja Lua.
É da raça dos que morrem cedo,
não tem tempo a perder com a alegria.
Há sempre outono e inverno e tarde
em suas manhãs.
Segue a esmo, entre grotões do País de Minas.
Lágrimas e agonias vão com ele.
Satã, na sombra, o espreita.
Súbito voo sonoro flecha o céu.
São anjos? Duendes africanos?
É o bando de maritacas
e enche de cor seu coração e o mundo.
O poeta, por um instante, vislumbra a vida.
Ah, se tivesse nascido em Diamantina,
seria talvez saudável cantor do Peixe-Vivo.

VOLTO À CASA DE HELENA

A casa de Helena é a casa de daqui a 20 anos,
de daqui a 50, ao incontável.
É uma casa pousada em nós, em nosso sangue.
Podemos torná-la real: o risco arquitetônico de Helena
fica estampado na consciência.
E, quando Helena se cala
na aparência mortal,
seu risco viçoso e alegre e delicado perdura,
lição de Helena Antipoff mineira universal.

PRIMEIRO MORTO

Alberto pequeno coxo
ágil endemoninhado contestador dialético,
saci que ri, óculos relumbrando
sob o circunflexo de bastas sobrancelhas
e coração ardendo de doçura
a fingir de sarcástico
— tão cedo vai Alberto: a pregar peças
em mundo novo, a amigos novos?

REUNIÃO EM DEZEMBRO

Dezembro, e dói (ou não?) um pouco
esse abrir os braços para abraçar
o corpo, ou o sem-corpo, de uma espera
nervosa.

Dezembro, e não te lembra
os que não estão mais para jogar
o jogo repetido da esperança?

Oh, não te faças de amargo.
Joga também, mas chama
ao balcão da memória
e junto do teu corpo
aqueles companheiros dispersados
em não sei que país não mapeado,
pois sem nome e latitude,
onde o tempo sem número é repleto
(ou deserto) de todo pensamento.
E reserva
poltronas especiais para os que ainda há pouco
se foram. Não estão acostumados
ainda ao novo lar, ou somos nós
que de perdê-los não nos demos conta?
Repara: a teu aceno
as perdas deste ano se transformam
em nova relação interior.
Ganhamos o perdido. Vem chegando
cada um no seu passo costumeiro,
no seu modo de ser e de existir.

Esta
é Ana Amélia, rainha sem diadema.
Reina em doçura entre estudantes
e anjos barrocos. Calmos decassílabos
fluem de suas mãos e vão voando
para onde a poesia se concentra
em bondade e beleza:
sinônimo de alma.

Para um instante, Murilo; olha, Miranda,
quanta coisa fizeste na inquietude
de fazer coisas. Pois não basta, homem?
As artes mais as letras te agradecem
quanto penaste por amor de sonhos
culturais, que no esquecimento somem.

Mas que rumor é este, que risada
rouca, feliz, irada, insubmissa,
entre as festas do povo se anuncia?
É carnaval, folclore, são vivências
de um gato, da Amazônia, que sei mais?
O furacão chamado Eneida
tem garras verdes e ficou tranquilo.

Pelo telefone, a voz te pede
a colaboração do suplemento.
Anos a fio, vida a fio.
José Condé faz o jornal,
mas seu coração foge ao plantão
e perfura, no chão natal,
o poço dorido-alegre
de imagens pernambucas.

Willy Lewin, viola ou violino
afinadíssimo, ouvido apenas
em surdina de câmara e recato.
Que requinte no seu sigilo,
seu desencanto modulado:

a melhor poesia é um signo
abafado.

Brumoso Luís Santa Cruz: a cruz,
entre súcubos a espicaça-lo,
exorciza lêmures. Vago,
fantasmal ele próprio, ouvindo-lhe
a voz baixa, é o sussurro que ouves
de um mundo abissal, de sombras.

Por último vem teu compadre
e teu irmão Emílio, o doce
mavioso Moura irmão mineiro. Sorrindo,
como a pedir desculpas de uma falta:
“Fui proibido de beber
e de pitar um cigarrinho”
e de outra falta, mais grave:
“Fui-me embora, deixei você falando
sozinho”.

Dezembro, e o que perdido
foi neste ano, volta, iluminado
pelo claro pensar,
e reanima-se
o jogo eterno (e vão?), o jogo
da vida renascendo de si mesma.

PRESENÇA DE MIRA

A Stefan Baciú

O errante colar de lembranças e metáforas
apaga-se no colo de Mira.

Maintenant je ne serais nulle part.

Quem sabe?

Mira, hei de encontrá-la sempre em alguns versos
que falam da criança construindo na areia
palácios e jardins da pátria proibida;
que contam do domingo, cesta de solidão,
e da mulher agitando um xale imaginário,
e do esquecimento, que é um papagaio de papel.

Não preciso escutar

o tambor do corcunda anunciando as notícias
para saber de Mira.

Neste grão de café encontro Mira pensando no Brasil.

ODYLO, NA MANHÃ

Manhã de domingo. Odylo nos deixa.
Domingo, a pausa de Deus, logo de manhã,
à hora singela do café.
Domingo, tempo de paz. Odylo é pacífico.
Uma dor antiga, instalada em seu flanco esquerdo
(para não dizer que na alma se instalou),
acompanha com fidelidade os seus passos
e não o torna amargo ou revoltado.
De fala mansa, Odylo,
e doce coração, convive com ela
como o irmão conversa com o irmão,
e o amigo no amigo se contempla: sem palavras.
Eis que recebe o súbito chamado.
Odylo, poeta e repórter, acontece-lhe isto:
Deus é que vai entrevistá-lo
e mostrar-lhe face a face
a poesia sem versos do Inefável.
Odylo parte na manhã de domingo,
transportado — não vi, que meus olhos precários
se ofuscam à visão dessas coisas altíssimas —,
transportado por teorias de anjos exatamente da cor e do talhe
dos pintados por Nazareth, pintora de anjos, crianças e sonhos.
A dor antiga o abandona para ceder espaço
à Esperança recompensada.
Odylo sobe e logo à porta de Deus vai encontrar
seus filhos que chegaram tão cedo. E amigos e companheiros
(seu padrinho Manuel, entre muitos).
Não vi, que essas altíssimas coisas fogem à minha tosca percepção,
mas facilmente um cristão imagina

o sorriso de Odylo, respondendo
domingo de manhã
ao sorriso de Deus.21/08/1979

TIM-TIM PARA LUÍS MARTINS

I

Caro Luís inspetor federal de colégios
sem colégios para inspecionar
(padre sem igreja, maquinista sem locomotiva, amante sem amada)
no ano-fumaça — lembra-se? — de 38.

Designam você para Jaú,
solução mais perto, mais amável.
Lá vai o inspetor com uma camisa na pasta
e a convicção de que Jaú é pertíssimo.

Chega nove horas e meia depois:
uma hora a cavalo, da fazenda à estação,
uma hora de trem a Jundiaí,
quatro horas e meia de Jundiaí a Ityrapina
(com y, que agrava a distância),
finalmente três horas até Jaú.

Gasta você na brincadeira
com passagens, hotel e refeições
mais da metade do mesquinho ordenado futuro
e terá de voltar três vezes por semana...
Ser funcionário às vezes dói
como canelada. Ou faca no estômago.

II

Como, não sei, você surge em Minas (jornalista?)
na posse do ilustríssimo Governador-Mor Valadares
entre luminárias bailes populares festança grossa.
De manhã, excursão
ao sonho barroco de Ouro Preto, Congonhas, Tiradentes,

à qual, que lástima, você não comparece,
pois é de dormir tarde ou mesmo não dormir
quando a cimitarra da lua ceifa a imensidão mineira.
Suas noites são de prostrar com amigos em torno de honesta cerveja
e as manhãs para o sono velado pelo Deus dos boêmios.
Ir a Minas e não ver o Aleijadinho!
Muitos anos lhe punge n'alma esse pecado.

III

De novo em Belo Horizonte. Desta vez, o Congresso
de Escritores estentóricos discutindo o porvir nacional.
Salvemos a Pátria mediante nossas prosopopeias!
Gosto de quedar a seu lado no Bar Pinguim
noites seguidas e melodiosas, alheios à retórica,
em doce paz de consciência.
Você imita Segall à perfeição
e eu admiro sua digna mansuetude entre os paladinos adversos.
Ensina (sem pretensão) a gentil dignidade.

IV

Lembro coisas assim a esmo
para conjurar a acidez da notícia de sua morte,
a mais injusta, a mais absurda para alguém como você,
que viveu em doçura, sem atropelar ninguém
no pensamento ou na vida.
Quis restaurar sua presença no bar, em minha casa, na rua.
Conservar você perto da gente, malgrado o final.
Este não é um protesto. É um tim-tim no copo cheio de saudade.

O ESCRITOR

Alceu e Tristão: o nome
e o pseudônimo ensinam
uma unidade de alma
na unidade do amor.

Pois é o amor unidade
multiplicada, e a vida
quando se recolhe aos livros
é para voltar mais vida.

Em 50 anos de letras
uma flor desenha as pétalas
de amoroso convívio:
o homem livre e ligado.

Livre e ligado a seu próximo
na larga avenida humana
em que beleza e justiça
fazem de espera esperança.

Tristão e Alceu: a mesma
fiel cristalinidade:
uma criança sorrindo
no sábio à sombra de Deus.

ALCEU, RADIANTE ESPELHO

Lá se vai Alceu, voltado para o futuro,
para um sol de infinita duração.
Lá se vai Alceu, sem as melancolias do passado,
que para ele tinha a forma de um casarão azul,
e sem as ilusões adolescentes do progresso.
Julga-se ouvir no seu trânsito
os acordes da *Sonata para piano e violino* de César Frank,
que ele tanto amava.
Seu claro riso e humana compreensão e universal doçura
revelam que pensar não é triste.
Pensar é exercício de alegria
entre veredas de erro, cordilheiras de dúvida,
oceanos de perplexidade.
Pensar, ele o provou, abrange todos os contrastes,
como blocos de vida que é preciso polir e facetar
para a criação de pura imagem:
o ser restituído a si mesmo.
Contingência em busca de transcendência.

Lá se vai Alceu: as letras não o limitam
no paraíso de sensualidade das palavras
que substituem coisas e sentimentos,
diluindo o sangue de existir.
Para além das letras restam indícios mais luminosos
de uma insondável, solene realidade
de que muitos tentam aproximar-se
com a cegueira de seus pontos de vista
e a avidez da insatisfação.
Alceu chega bem perto do fogo incandescente

e não tem medo.
Sorri. Venceu o conformismo
com a classe, a carreira, a biografia.
Alceu, radiante espelho
de humildade e fortaleza entrelaçadas.
Não chora as ruínas da esperança.
Com elas faz uma esperança nova
de que a justiça não continue uma dor e um escândalo
de incrível raridade,
e sim atmosfera do ato de viver
em liberdade e comunhão.

Lá se vai Alceu, gentil presença,
convívio militante entre solidões de ideias
cada vez mais fechadas — e ele aberto
aos ventos do mundo, à decifração do lancinante
anseio de instituir a paz interior
no regaço da paz exterior:
anseio de homens
desencontrados, tontos, malferidos
no horror da vida escrava do azinhavre
de moedas viciadas no poder da Terra.
Alceu tão frágil no seu grande corpo
que não comanda os rumos da aventura,
mas adverte, ensina, faz o gesto
que anima a prosseguir e a procurar
a mais exata explicação do homem.
E lá se vai Alceu, servo de Deus,
servo do amor, que é cúmplice de Deus.

ALEGRIAS E PENAS POR AÍ

RELATÓRIO DE MAIO

Naquele maio
decidiu-se a opção
entre violão e violência
voaram paralelepípedos
exigindo a universidade crítica
e a paz sem sandálias
fugindo ao palácio das negociações
martirizou os pés
na vala de encanamentos cortados
naquele maio
o fogo o fogo o fogo o fogo
vinha no vento do telex
soprado de muito longe
tornado muito perto
o delegado saiu prendendo
cortando cabelo
mandando dormir mais cedo
naquele maio
a Bolsa fechou por excesso de instruções
que mandavam fazer o oposto do contrário
ou
o contrário do contrário do contrário
naquele inverno
o grupo *Lire le Capital*
reformulava a dialética anti-Hegel

e o estruturalismo continuava na onda
passando à frente de Bonnie & Clyde
sem desbancar McLuhan, Chacrinha e o
teatro do absurdo institucionalizado
Qorpo Santo é quem tinha razão
naquele maio
o túnel fechou cansado de servir
a eternos carros e personas
que nunca lhe agradeceram
a abertura para o Sul e para o Norte
naquele maio
os mendigos dormiam abraçados
no gelo da rua
não por amor: para cada um
tirar o quentinho do outro
naquele maio
os municípios eram divididos
em dois pelotões: os autônomos
até certo ponto
e os tutelados
oh tão melhor ser tutelado: vinha um homem
fardado por fora ou por dentro
dizia o que era lícito fazer
dispensando os cidadãos da difícil escolha
entre o azul e o amarelo
o bom e o mau
o nariz e a gaivota
a laranja e a banana
o X e o Y
naquele maio
o Ibope consolava o Governo
meu querido
saiba que tem havido outros piores
mas não pergunte mais que eu não respondo

naquele maio
as manhãs eram lindíssimas, as tardes
pingavam chuva fina
o mar entristecia
a luz era cortada de repente
como prefixo de morte
e mesmo assim na treva uma ave tonta
riscava o céu naquele maio.

26/05/1968

MINIVERSOS

I

Tudo tem limite
exceto
o amor de Brigitte.

2

Tevê colorida
fará azul-rósea
a cor da vida?

3

Última atração na areia
do Leme:
a tiro, mata-se a baleia.

4

Acabar com assalto
a trens pagadores
num momento:
suprimindo trens
e pagamento.

5

7 anos de idade.
Muro de Berlim
é eternidade.

6

Biafra: a guerra come

a safra
de sua própria fome.

7
Separatismo espanhol:
lado do escuro,
lado do sol.

8
Quem papa a pílula
poupa parto, papinhas,
porém perde parúsia.

9
Se o Papa ganha a Parada
você me garante
que a Amazônia será
povoada?

10
Às doenças mortais
junta-se outra mais:
transparente.

11
Estruturas: afinal
serão reformadas
com soldo integral?

12
Solução 100%
(disse Deus) só
se for Presidente
o Arigó.

13

Bruxuleia o ciro votivo
a Nossa Senhora
do Facultativo.

14

O pintor a meu lado
reclama:
Quando serei falsificado?

15

A moda cigana
é passada a limpo
na Limpeza Urbana?

16

O inocente afiança
a culpa que não tem
na esperança
do mal chegar ao bem.

17

Cautela: em agosto
não vire o rosto
ao rei da vela.

18

No festival da canção
fica abafadinho
o ai da inflação.

19

A reforma universitária

prevê o curso
de reforma universitária.

20

O censor olhou-se
no espelho e censurou-o:
Que horror!

16/08/1968

AI DOS MACACOS

Ai dos macacos, ai dos macacos
sul-americanos!
Sem mais florestas
para morada
e são caçados
de noite, de dia.
Se ainda tivessem
matos bacanos,
que adiantaria?
Serem guardados
para experiências,
anos e anos
(a ciência é um fato)
de neuropato-
logia.

03/11/1968

FESTIVAL EM VERSO

Geneviève Waïte

Pálida Joaninha

pálida e loura muito loura e —
nem tão fria quanto no soneto
esvoaça entre leitos.

A borboleta presa no pulso
quer voar, mas falta céu em Londres
enevoada.

Arnevic

O broto de 15
estrelando filmes
proibidos para
os brotos de 15.

Brasileira

Florinda Bulcão, florido
balcão: com esse nome lindo
no frontispício do poema,
para que fazer cinema?

O nome

Trintignant

trinta trinchantes
trinca nos troncos
tranca no trinco

tranco sonoro
— Adoro!
diz num trinado
trêfega trintona.

Liquidação

E Robbe-Grillet, de um lance,
mostra, encantado, seu lema:
— Já liquidei com o romance,
vou liquidar com o cinema.

Tráfego

O diretor de *Uma aventura no espaço*
a poucos metros da Lua
veio ver pessoalmente
nossa terrível aventura no limitado
espaço de uma rua
de sinal enguiçado.

Velha guarda

Josef von Sternberg
Fritz Lang
Cavalcanti
3 × 70:
210 anos de cinema
o poder é sempre jovem
quando é alguma coisa mais do que o poder.

Mercado de filmes

Compra-se um
que tenha menos de 10 espões

assassinos/assassinatos;
que, tendo cama,
tenha também outros móveis agradáveis
à vida comum do corpo,
como a espreguiçadeira, a mesa, a cadeira;
que tenha princípio
meio e fim;
que não tenha charada nem blá-blá-blá,
enfim,
um filme que não existe mais.
Paga-se tudo.

Genealogia

Na piscina do Copa
tela líquida panorâmica
do festival de corpos
o repórter erudito
pergunta a Mireille Darc:
— *Mademoiselle,*
est-ce que vous êtes
la toute petite-fille de Jeanne d'Arc?

Desafio

Matemática de cine
a estudar em Ipanema
pelo jovem não quadrado
(Pasolini é quem previne):
Superbacana é o teorema
nunca jamais demonstrado.

A SEMANA FOI ASSIM

A semana? Passou que nem corisco,
somente aqui e ali deixando um risco
além do velho céu, hoje quadrado,
pelas naves do cosmo ultrapassado.
Que pretendem os homens: descobrir
um novo mundo, onde se possa rir?
brincar de amor? jogar de ser feliz?
tirar diploma de deus-aprendiz?
(Daqui a pouco o trânsito no espaço
estará de fundir cuca e espinhaço.)
Minha tia mineira não se espanta.
Há sempre uma cantiga na garganta
para saudar o sonho, embora a ruga
da experiência prefira a tartaruga
em seu calmo ficar aqui por perto,
tartarugando no roteiro certo...
É isso a espécie: um revoar aos trancos,
aos gemidos, aos cálculos e arrancos,
entre miséria e ciência, na poesia
da eternidade posta num só dia.
Ninguém entende bem o tal contexto
de que tanto se fala; e Paulo VI,
dos bispos a escutar o iroso brado,
chora, talvez, ou se mantém calado?
Eu contesto o contexto, diz a voz

em torno, em cima, até dentro de nós,
e a humanidade, enquanto assim contesta,
do próprio contestar faz uma festa.
Ainda bem que aí salta o Jô Soares,
a provar que cirandam pelos ares
mil amores sobrando para o Gordo,
que por isso não sente mais a dor do
regime, derramando pleno açúcar
no café, no pospasto, até no púcar(o)
da laranjada... Ai, vida, que doçura
quando magros e gordos, de mistura,
se sentirem amados por igual
em todo o território nacional,
e as nações forem todas um só povo,
na veludosa paz do homem novo!
Deliras, minha lira? Por enquanto
não devo reclamar prodígio tanto.
Olha o Dia do Mestre: o professor
(que do dinheiro ainda não viu a cor
em Minas) recebendo na bandeja
confetes de ternura e de ora-veja...
Em São Paulo calou-se o sax-barítono
de Booker Pittman: procuro um terno átono
para exprimir a falta, a grande pena
do som perdido, em meio à dor de Eliana.
E o sax-soprano, o clarinete? Música
de *jazz*, que jaz, silente, em flauta mágica.
Mas voltemos à rima, com Bandeira
pintor, Antônio, e sua vida inteira
convertida em pintura da mais fina,
que veremos no MAM: pintura é sina
e prêmio de viver após a vida
tão longe e tão depressa fenecida.
E viva, viva o Vasco: o sofrimento

há de fugir, se o ataque lavra um tento.
Time, torcida, em coro, neste instante,
vamos gritar: Casaca! ao Almirante.
E deixemos de briga, minha gente.
O pé tome a palavra: bola em frente.

18/10/1969

AS NOTÍCIAS

E lá se foi aquela extraordinária
Eunice Weaver: cada preventório
para filhos de lázaros proclama,
pelo Brasil inteiro, o seu supremo
dom de servir à vida das crianças.
Já na Gamboa umedecidos lenços
despedem-se... Ficou de Dona Eunice
uma lição de amor, cheia de graça.

Mas andemos. Que tal esses ornatos
de rua, a celebrar os velhos ritos?
Eu acho que o Natal ronda por fora
dos signos natalinos: sua rara
contextura de sonho e de esperança
num Deus garoto abriga-se no esconso
particular da alma; esse, o presépio
mais real, mais tocante; esse, o cardápio
da ceia imaterial, sem mesa posta
e sem badalação, sem *jingle* e cesta.
Chartres no Russell, toda iluminada?
Tenho a Glória do Outeiro, estou com tudo.

Só me faltam, nas férias dos meninos,
dois elefantes, vastos ou pequenos.
Quando virão? Exige-se vacina,
identidade, visto de aduana,
título de eleitor em Bombaim
e prova de que são bichos de bem.
Oi, meus elefantinhos ofertados

por Indira (?), tão logo repelidos
para a jângal natal: ficai por lá,
que saudoso de vós me quedo aqui.
Não vos desejo pouso na Ilha Grande,
pois muito mais a gosto ficais onde
a um paquiderme não se exige tanto
papelório que a um bípede põe tonto.

A papoula sangrenta, a flor dos *hippies*,
antes tão alva? A mão pega do lápis,
anotando massacres. Sharon Tate,
My Lai, nosso “Esquadrão”... Matar é um ato
de prazer, como uma extensão do sexo,
um novo haxixe, um fascinante tóxico?
Matar em grosso; nunca um só, apenas.
Aos cinco, aos mil: esporte de bacanos.
Então, por que temer, pergunto, a gripe
A-2 Hong-Kong, no seu doido galope?
O vírus isolar, em honra à vida,
para depois fazê-la espedaçada?
O mundo é dos carrascos? Deus é fábula
esmaecida no pó de um incunábulo?
Ou vamos aprender a ser humanos
— ao menos aprendizes pequeninos?

LIRA PEDESTRE

Gerontologia econômica

Simone de Beauvoir, tua lição
não me interessa, não, sobre a velhice.
Prefiro agora ver José da Cruz,
mineiro de Ouro Preto (quem diria?),
trabalhando de dar sumiço a velhos.
“Já não valem mais nada”, ele declara.
Como não? Valem muito: à custa deles,
cria José, em meio à vida cara,
uma nova e rendosa profissão.

No balcão

O cafezinho está mais caro?
Sabe melhor o cafezinho?
De diâmetro aumentou a xícara?
A colherzinha não é mais de prata
(se algum dia foi), e um sorriso
de boas-vindas nos acolhe
sob os bigodes do gerente?
É mais café o cafezinho,
mais quente, inspira mais piadas
a seus costumeiros clientes?
Tem um pó mais fino, o adoçante
não mata mais que o ciclamato,
e há no açúcar um princípio
de tornar o dia contente

quando o céu da boca relembra
o cafezinho em pé tomado?
O cafezinho contém mesmo
café do bom, que a velha casa
de nosso avô servia a todos,
e repetiam todos, uai?
Não. Simplesmente, meus amigos,
o cafezinho está mais caro.

Acordo entre cavalheiros

O esquadrão primeiro, depois
de liquidar mil marginais,
ao esquadrão número dois
se dirigiu em termos tais:
— Se tu me tascas, eu te tasco,
não sobra um para semente.
É melhor acordo: um carrasco
não deve morrer inocente!

Quem avisa amigo é

Que vontade antiga de ir a Roma,
ver as coisas antigas, sentir
a alma antiga das coisas.
Certa manhã,
entrar na Basílica de São Pedro,
procurar Miguel Ângelo:
ainda briga muito com Bramante?
Depois, ajoelhar-me,
pedir a Deus a graça, entre milhares,
de que careço...

— Ah, isso não — adverte Paulo VI
em amistoso alarme:
É tão esplendoroso aqui, bofé,
que rezar nesta igreja não dá pé.

25/04/1970

ASSANHAMENTO

Que venha o censo de 70
e com ele venha
a recenseadora mais bacana,
aquela que ao dizer, com voz de açúcar
(a doce voz é a melhor senha):
“Preencha direitinho
este questionário, por favor”,
tenha sempre dos homens a resposta:
“Por você, minha flor,
preencho tudo, sou capaz até
de reclamar duzentos questionários,
passando a vida inteira a preenchê-los,
mesmo os mais complicados e mais vários,
tendo-a a meu lado, é claro, a me ajudar”.
Ah, por que o Governo
não faz todo ano um censo cem por cento
com uma garota assim, a censear?
Por que não reformula
a engrenagem severa da Fazenda
e bota a coleção dessas meninas
cobrando a domicílio
(pois resistir quem há-de ao seu veneno)
todas as taxas, todos os impostos,
inclusive — terrível — o de renda?

EM MARÇO, ESTA SEMANA

Segunda-feira a gente ficou presa
não no Distrito: em casa, ante o combate
de Cassius Clay e Frazier... Que tristeza
ver Muhammad Ali tatibitate,

hesitando, caindo, prolongando
por 15 *rounds* nossa aflição inglória:
Vai resistir? Virar a luta? Quando
acaba esta cruenta e lenta história?

Sem apostar um dólar ou cruzeiro
(pois nutro por tabefes sacro enjoo),
lamento haver perdido: o palradeiro
tem minha simpatia no seu voo

rumo à ideia de paz, num mundo em guerra.
Até um boxeador acusa o vício
de nos entrematarmos sobre a Terra,
este açougue instalado num hospício.

Lá se foi Harold Lloyd, um velho chapa
do tempo em que o cinema era calado
e a gente é que falava... Eis que à socapa
voltam risos e sombras do passado.

— Viu Carlito no *Circo*? — Não quis ver,
pois já não sou o broto carlitiano,
e procurando nele o antigo ser,
não mais o encontro... Deve haver engano.

Mudaria Carlito ou mudei eu?
(Sempre me perseguindo o eterno Assis,
como se a vida não me houvesse assaz
revelado o segredo de uma noz
escondida num papo de avestruz.)

A rima neste ponto se perdeu,
mas que importa? Se a Light não me apaga
a luz, visitarei com Geysa Bôscoli
(oh, abram alas!) Chiquinha Gonzaga
no livro que através o tempo fosco lhe
recorda o humano e musical perfil.
Que mulher e que mina de talento
em polca, xote, valsa, tango, mil
composições, arte lançada ao vento!

Mas que é isso, no Parque de Iguaçu?
Que diz o Frisch? Por manhas de posseiros
vejo as fontes secando e o solo nu?
Roubam nossos tesouros derradeiros?

Orlando Villas-Boas, por seu lado,
no Parque do Xingu, pede magoado:
— Mudem-me, por favor, esse traçado
de rodovia, que desmantelado

deixa o viver do índio na floresta
e nada lhe oferece além da triste
integração, essa ilusória festa
a que ele, sem defesa, não resiste.

Falar em índio, grande livro este,
novinho, de Darcy Ribeiro. Leste?

Uma serena avaliação de dados
a serem fundamente meditados

enquanto não se extingue a velha raça
de teto errante e de ventura escassa.
Já não mais tranço as rimas, e daí?
Parelhas são, mas contam o que li,

o que vi (ou não vi), prestando ouvido
na direção do terceiro partido.
Quem é que vai fundar, que pioneiro,
um que falta; o primeiro e verdadeiro?

Havia de ser bom. Mas como? Onde?
O eco anda maroto, não responde.
E vem-me a tentação, mais uma vez,
de romper estruturas... Um, dois, três:

“Foi em março, ao findar das chuvas, quase à entrada...”
— Mas isto é de Bilac! — Então, adeus... Mais nada.

A BOLSA, O BOLSO

“À Bolsa!” é o novo grito. A Bolsa, a vida
em milhares de ações reflorescida.
Investir é o *mot d’ordre*. Investimento
com sua rima de financiamento.
A Belgo deu filhote? A Brahma chama?
A Sousa Cruz do lucro atíça a flama?
Estou de olho na José Olympio
(Querer uma bolada não é ímpio.)
Discutem dois garotos. Investiram.
No quadro as cotações, atentos, miram.
Aquele é sua, bicho? Ai, antes fosse.
(Ao portador: Vale do Rio Doce.)
Viu mulher investindo? E como investe
em indústrias no Norte e no Nordeste.
Já não fala em dez-mais, em longo e mídi:
é Bradesco, Banespa, BEG e BIDE.
Compre na baixa, venda na alta. Eis tudo
que se exige. De leve, de veludo.
O Banco do Brasil, a Petrobras
estão enchendo de ouro o meu cabaz.
Que fazer com o excesso de tutu,
de que meu bolso outrora andava nu?
Rumo à Bolsa de Arte, e arrematar
dois Volpi, três Dacosta e mais Guignard,
não esquecendo, é claro, Cavalcanti
(Di), Djanira, Pancetti, *tutti quanti*
couber na cobertura da Lagoa.
Não tenho cobertura? Oh, essa é boa.
Compro-a logo na Barra da Tijuca,

de faz de conta, sonho. Minha cuca
vai abrindo outras Bolsas de Valores:
de Glória, de Poder, de Amor-Amores.
A Bolsa de Beleza, a de Romance,
a de Poesia, pelo maior lance.
Ações de tudo. Até de não agir,
de quedar no Arpoador, calmo, a sorrir.
A Bolsa de Viver em Paz... existe
só na Utopia, que, teimosa, insiste?
Uma Bolsa onde todos os papéis
se despojassem de signos cruéis,
e os bens tivessem nome de Alegria,
de Tolerância como de Harmonia.
Estou pedindo muito. Os pacifistas,
eles próprios, violentos, jogam cristas
com os belicosos. Só me resta, mesmo,
em verso pobre divagar a esmo.
O índice BV (Boa Vontade)
bate de porta em porta na cidade
de muros de granito ou de basalto,
mas quem abre, com medo de um assalto,
nas partes repartidas do planeta
cada vez mais confuso e de veneta?
Enquanto não se adensa tal miragem,
vou também, parafuso na engrenagem,
tentando o meu joguinho. À Bolsa! O bolso,
quero-o bem cheio, múltiplo reembolso.
Que títulos comprar? Aço, tecidos?
Docas, brinquedos, plásticos, sabidos
negócios, ou empresas de futuro?
Não sei se vejo claro ou vejo escuro.
Vale-me, corretor, vale-me, sorte,
nas jogadas de macro ou micro porte,
que eu prometo, se acerto na tacada,

a dica fornecer para a moçada,
e fundarei também a minha empresa
de capital aberto, em volta à mesa
de papo ameno e dose bem legal
de escocês dividendo... Então, que tal?

09/05/1971

A QUEDA

Por que caiu o elevado?
Por deficiência do projeto
que falhou no cálculo das tensões
e não previu uma abertura
na laje superior?
Por falta de injeção
de calda de cimento?
Defeito nos aparelhos
de apoio de neoprene?
Artes da fatalidade,
que assume o ônus das catástrofes?
Por culpa de que, de quem
caiu o elevado?
Vai começar a discussão
na batalha judicial.
Os nomes técnicos espocam
em esplendor proceSSIONAL.
Os culpados juram inocência.
Os inocentes serão culpados?

O culpado sou eu, você,
que não sabemos uma palavra
das palavras que cruzam no ar?
Que não cursamos o curso
dos engenheiros,
não fundamos a firma
dos empreiteiros,
não integramos a equipe
dos inspetores,

e assistimos ao desabamento
de um monumento
como uma xícara
caindo das mãos
e cujos cacos
esmagam vidas, fuscas e ônibus
na — ironia —
avenida do nome ilustre
de Frontin?

De quem a culpa? Está-se apurando
entre destroços.
Se cai o resto,
antes de findo o julgamento?
E, se não cai,
ficará o colosso mutilado
entre céu e terra
no ofício de fantasma,
apavorando quem passar?

Na paz conquistada
já não correm perigo
os mortos do elevado.
E os vivos?

PRAIA PALMA PAZ

A paz tenta pousar no Vietname,
mas só depois de cauteloso exame.

Dia após dia, mês seguido a mês,
esvoaça, foge, paira uma outra vez.

Se uma bomba, ao descer, lhe corta o voo?
Se a prendem na gaiola, e vai pro Zoo

como raro animal de espécie extinta?
Se a maculam de alguma negra tinta?

Se, fugindo à natura e sua norma,
lhe pedem que bote ovos de codorna?

Ou mesmo, como de uso no passado,
a depenam e papam num guisado?

Das pombas o destino é muito incerto;
nas sombras o gavião mira, encoberto.

Urso-branco ou falcão? Em cada margem,
Ambição de Poder suja a paisagem.

E o povo, qual a pomba, leva as sobras
entre estrondos, trombetas e manobras.

Vamos, meu bem, resolve, enfrenta o risco
de baixar e fazerem-te petisco.

Ninguém topava mais o tró-ló-ló
desse papo infindável, nem o Jó,
se revivesse, quanto mais a gente,
aqui, ali, no Ocidente ou Oriente,

já cheia dessa estúpida novela
de sadismo, de sangue e de balela.

És pomba de ocasião? Levas no bico
a senha eleitoral do primo rico?

Que importa, se o que importa antes de tudo
é dar folga ao faminto, triste, mudo

civil colhendo a morte onde colhia
o arroz — numa lavoura de agonia?

Ai, chega deste assunto. Olho a palmeira
visitada de raio, e sobranceira

ainda no seu risco vertical,
sereníssima posto que mortal.

Vai-se a inscrição de mármore, mas resta
o longilíneo talhe de floresta.

Salve, princesa-palma, calma linha,
mesmo com a morte a percorrer-te a espinha!

Eis desponta na praia a venusina
miragem de uma esplêndida menina,

melhor dizendo: moça — e de seu busto

desfralda ao sol o panorama augusto.

Horror! beleza! céus! Para tamanha
afrota, a jato chame-se o Façanha!

Quem vai chamar? Quem deixa a areia cálida,
quem, de emoção, não mostra a face pálida?

Vai você. Eu não vou. Eu também não.
Quero ficar aqui na curtição.

E se o Façanha vem, teleavisado,
talvez, quem sabe?, há de ficar parado,

embebido no sonho de beleza,
da graça em flor, de flor da natureza.

Mas atenção, mulheres, a este aviso:
a moda exige um grama de juízo

e, merecendo o belo o meu respeito,
ela só vale pra quem tenha peito.

Apenas se desvende, iluminado,
aquilo que é perfeito, contemplado.

PRÉ-INVERNO

— E vem um novo inverno todo em vês
ou todo em is? de frio fino e... — Flora!
Este babado de poetar já era.

Agora

a coisa tem que ser assim:

In

ver no par que o ver de
ar pi pila.

— Traduza para mim. — Pois não:
Inverno. Parque. O verde ar pipila.

— Não era o par que pipilava amores
no verde parque?

— Como quiser. O jogo é múltiplo.

Seja também assim:

Noverin pardever que lapipi.

— Parece nome de remédio!

— E daí? Os mais lindos sons da língua
são nomes de remédio, e cobram *royalties*.

Ah, declaro o papo fin-

do, antes que inverno pegue fogo.

Muito melhor ouvir o Tom Jobim

cantar, pianoviolão,

no *Jardim das rosas*, de sonho e medo,

no clarão das águas, no deserto negro,

enquanto, lerê, lará,

o *Matita Perê* negaceia:

“Eu quero ver, eu quero ver

você me pegar.”

Quem pega Tom Jobim, no *Rancho das nuvens*,
de *Nuvens douradas*? Leva Ana Luísa
no *Trem para Cordisburgo*. Conta-lhe
a *Crônica da casa assassinada*.

Fala de *Milagres e palhaços*,
e se é *Tempo de mar*, com Pedrinho de Moraes,
Chora o coração de Vinicius de Moraes.

Fluem, fluem
as *Águas de março* e vai fluindo
em poesia rosiana
o límpido som
de Tom,
na palma da mão, cor do Brasil.

Vejo camisolas de algodão
(modelos decotados) nas vitrinas;
frente única de lã, e barriguinhas
de fora, desfilando na calçada.
É um frio maroto, com saudade
do verão, ou o verão reincidente
a infiltrar-se, maroto, neste inverno?
De pés de lã, brotos de Lan
mimam na praia o rito carioca:
(in) verniverão.

O rito?

O mito?

Esta cidade é um tanto periquito
australiano, de assobio colorido
especialmente alegre todo ano,
e faz do pré-inverno pré-estreia
do calor de dezembro a florescer
na rosinha do umbigo das garotas.

Cai um pingo de chuva nesta página?

Salta do solo o Sol e sela a sala

de ouro.

— Não é nada disto (protesta o Poet/Sintético),

Negó seguin:

RIO

RAIO

RISTE

PRAIA

SPRAY

SOL

SAL

SUL

SAL MAIOR

SUL MELHOR

SOL BEMOL

12/05/1973

MICROLIRA

Festival da Canção

Esta dúvida mordente
eu peço que se esclareça.
Quando a música é mais quente:
com cabeça ou sem cabeça?

Arte

No Salão Moderno
obras se desfazem
antes de exibidas.
Resumo:
são consumidas
em autoconsumo.

Solução

O papagaio atleticano
não vai calar o gol do Galo,
e não é justo nenhum plano
que tenha em mira silenciá-lo.

Evitem, pois, brigas forenses.
Outro projeto, mais certo,
aqui proponho aos cruzeirenses:
É ensinar: “Gol do Cruzeiro”

a um papagaio de igual força.
Haja, entre os dois, uma peleja

em que cada mineiro torça,
e, entre foguetes e cerveja,

o papagaio vitorioso
proclamado seja campeão
desse grato esporte verboso
de que sente falta a Nação.

Trato e distrato

Em Paris, um tratado
gravemente firmado
renova outro tratado
longamente ajustado,
pesado, blablablado,
que tinha estruturado
o muito fofocado
acordo estipulado,
agora validado
e bem atualizado
para ser destratado
por um outro lado
conforme for do agrado
ou não, e emaranhado
o risco do bordado
da guerra do passado,
amanhã retramado.
Tudo bem combinado,
medido e conformado,
eis fica evidenciado:
Todo e qualquer tratado
deve ser observado
como papo-furado.

A renda cortada

Ante o decisório
voto do Supremo,
ai — geme o notário,
no amargor extremo.
Público e notório
o ganho planetário
deste meu cartório?
Sim, mas que precário!

Falta uma cartilha

Problema na pista:
Educar pedestre
mais o motorista.
Mas cadê o mestre
que eduque automóvel?

Força do hábito

Em grupo ou sozinho,
em casa ou em viagem,
de avião ou balsa,
Nixon, precavido,
no bolso da calça
leva o aparelhinho
de autoespionagem.

Dúvida

A paz entre os maçons
pede acurado exame.
Será mais complicada
que a paz no Vietname?

Superstição

Por mera precaução
ou velada crendice,
para evitar desgosto
resolve João Brandão:
— Chegando a um alto posto,
serei meu próprio vice.

Enigma

Faço e ninguém me responde
esta perguntinha à toa:
Como pode o peixe vivo
morrer dentro da Lagoa?

NOVA RUA SÃO JOSÉ

Cultivando o prazer de andar a pé,
tiro de meus alforjes lexicais
o mais puro louvor a Gildo Borges,
renovador da Rua São José.

Quem ali passa logo se detém,
senta no banco (banco de sentar,
não de pagar imposto e duplicata)
e escuta, embevecido, uma sonata.

De que piano vem, música errante,
se não vejo instrumento musical?
Vem de sentir no ar essa aliança
entre a cidade e a forma natural.

É pedaço de rua, por enquanto,
mas nele se devolve à criatura
o pouso, a paz, a pomba, o pensamento
de existir, existindo com doçura.

Em seus vasos, a múltipla folhagem,
ainda tímida, pede-nos licença
para nos ofertar sua presença
consoladora do monstro-garagem.

A flor, em flor, na rua — que convite
ao passante angustiado: “Para um pouco.
Dez ou quinze minutos de *far niente*
e voltarás depois ao mundo louco.

Mas voltarás de cuca restaurada,
alma leve, levando na lembrança
um bailado de asas e a dourada
alegria da hora lenta e mansa.

Aqui não te perseguem carro trêfego,
maléfica fumaça, rumor turbido,
aqui encontrarás paradisíaca
pasárgada de pobre e milionário.

Aqui é teu domínio; aqui és rei
de teu nariz, das nuvens e das aves,
e fruirás o simples estar quieto,
erigindo o *relax* em tua lei”.

Assim murmura a flor, e corre a brisa,
“Apoiado”, ciciando ao perpassar,
enquanto São José, na sua igreja,
e Tiradentes põem-se a meditar

(pois estátua medita) e os dois reunidos
aprovam Gildo Borges e seu sonho
de tornar a cidade mais humana
e cada ser humano mais humano.

TEXTOS MÍNIMOS

Cariocas:
do alto do Pão de Açúcar
40 casais de turistas
vos contemplam sem História.

De repente fica na moda
não estar na moda.
Torna-se impossível
estar, estando.

Arrependido
o ladrão devolveu
aquele quadro falso do Museu.

O sino da igreja desabada
caído no chão
repica em silêncio.
Cada badalada
cria a procissão.

Gosto tanto de ir ao teatro
que por amor ao teatro
vê lá se vou ao teatro.

Solto na jaula
o tigre observa
o Jardim Zoológico
do mundo.

Chovia tanto tanto
naquele reino da Ásia

que a chuva dissolveu
o rei com seu palácio e suas leis.

Arte dos 70:
sacramento
do excremento.

Declara o cientista
que floresta não presta
e no seu lugar
plante-se capim.
Teremos, a perder de vista,
no capinzal da Amazônia,
o pasto da ciência?

Assim termina
o autopoema:
A poesia é necessária,
mas o poeta, será?

— O senhor cultivava
epigramas?
— Não, só a grama
do meu jardim.

Última palavra
em computador:
o anticomputador.

A bomba francesa
detonada longe

da *douce* France
é uma garantia
para quem escapa
e sendo turista
respira e deduz:
Paris intacta
continua sendo
a Cidade-Luz.

Quando acabarem de consertar
este atrapalhado Rio de Janeiro
haverá morador
para o prazer de morar nele?
E haverá morada
para o morador?

Cartão de identidade
(informa o broto cintilante)
não levo comigo.
Acho bastante
o umbigo.

A casa, na avenida,
postou-se no rumo
do automóvel.
Quem mandou ser distraída?

Se as nações alinhadas
perdem a linha,
fazem cada papel,
prefiro Tia Miquinha
alegre desalinhada,
revel.

O dono do Sítio Paraíso
derrubou a mata,
mas ecologicamente
comprou uma gravata
verde.

O garoto curioso
pergunta:
No Colégio Eleitoral
haverá prova pública
pelo audiovisual,
ou simples aprovação
por antecipação?

08/09/1973

NOTÍCIAS DE JANEIRO

Janeiro:
preparo lento e longo combimed
o coração batendo comcitech
nervos elétricos comsart
na geografia
que o Rio transformou em Cesgranrio.
Janeiro, estoura o grito
de euforia em frente ao gabarito
ou o morder de lábios do malogro
que o computador tritura em números.
(Computador: cara moderna do destino.)
Janeiro, o ano inteiro
a repetir os jogos malabares
da arte de decifrar em amarelo
rosa verde azul e cor de angústia
a quántupla verônica da esfinge?
Janeiro, me levaste
(ah, não foi justo este começo de ano)
o mais jovem poeta brasileiro,
aquele que ia sempre mariscando
dentro do verso um outro verso
não verso, exato signo
no campo visual onde o poema
envolve em sua luz a linha livre.

Caríssimo Cassiano
Ricardo em Lourdes completado,
sutil denunciador
de nossa condição sobrevivente

à espera de nascer,
como nasce a caviúna
de sua própria raiz,
solene anunciador
da infância futura.

Requintaste, janeiro, em desfalcar-nos,
e já nos levas outro: Nilo Aparecida,
poeta-concha, quase silencioso
conversador da Rua São José
(ou sua concha era o castelo do soneto
despojado de enxúndias parnasianas,
objeto sereno e cristalino?).

Outras faltas prometes, e já vejo
um ano despojado de matérias-
-primas, ano de tanga
ou sem ela. Faltará também amor,
essa matéria-prima entre as mais primas,
que resume em rondó todas as rimas?
Faltará ao encontro a namorada
como à vista faltou o Kohoutek?
Juízo faltará... ou já faltava,
e a gente nem sequer desconfiava?

Não me falem ao menos os crepúsculos
no salso belvedere do Arpoador,
mesmo que eu lá não vá; quero saber
do ir e vir de gaivotas, e da tarde
pousando sobre a espuma em leque de íris.

Quero, 74, ter a graça
de ver uma rolinha visitar
a janela e, chegando entre meus livros

e o rosto de Baudelaire por Manet
gravado (que é presente de uma amiga),
sair sem censurar que perdi tempo,
meu tempo consumindo entre aparências
de sombras, palpitantes nessas páginas.

O que te peço? Umas pequenas coisas,
independentes de poder ou guerra,
umas coloridas, outras brancas,
todas leves, levíssimas, no vento...
Ora, atende-me, pois; vê se te mancas.

19/01/1974

CARNAVAL CHEGANDO

A vitória

A Escola de Samba Unidos da Floresta
— já ganhou! já ganhou! —
desponta garbosíssima, sem medo,
na Avenida Antônio Carlos
entre cadáveres de árvores.
Vence todos os quesitos e esquisitos
(outros mais, se inventassem, venceria)
com seu maravilhoso samba-enredo:
Amor, Todo o Amor à Ecologia.

Turista

— Que dura arquibancada! — Este protesta.
Ver o desfile, assim, castiga o corpo...
E o corpo, de sabido, lhe retruca:
— Não é melhor ficar fazendo sesta
naquele hotel da Barra da Tijuca?

Tantos anos depois

O velho político pessedista
nascido perremista
observa, satisfeito,
e pisca o olho, triunfante:
— Agora, lavo o peito.

Vivi bastante
para ver Getúlio Vargas
entregar o poder a Antônio Carlos.

Confidência

— Qual a sua fantasia para o baile do Municipal?
— A você (mas não espalhe) eu digo.
Vai ser a mais original.
Esconderei completamente o umbigo.

Previsão

Qualquer dia
decide o fisco:
Passistas
bateristas
destaques
mestres-salas
porta-estandartes
trabalhadores autônomos
da folia
devem pagar imposto de alegria.

Lacuna carioca

Carece urgentemente construir
larguíssima avenida, reservada
aos caprichosos passos do ir e vir
não de pedestres, mas da batucada.

Pronunciamento

— Caro mestre estruturalista,
pode dizer-me, porventura,
se há perigo aqui na pista,
de me esmagar, a uma lufada,
a estrutura da arquibancada?
— Isso depende (e eu digo antes
que Barthes ponha numa escritura)
da radotagem dos actantes,
como também (partes iguais)
de isotomias fundamentais
verbalizadas quando o problema
dribla o sema e chega ao semema
pela leitura sintagmática
de monemas paradigmáticos...
Morou, ignaro?
— Perfeito, claro. O mestre dava
para letrista de samba-enredo.

ESPARSOS DE 1976

Rios de Petrópolis

A poluição faz rios coloridos.
Não é tão feia assim. Como atração
reproduz, em matizes escolhidos,
as belas cores da televisão.

*

Mais uma

Novo serviço: tacar fogo
mediante módico estipêndio.
Se já pagamos taxa d'água,
vamos pagar taxa de incêndio.

*

Propaganda eleitoral

Na TV, só teu retrato,
com teu número e teu nome.
Serás mesmo candidato
ou simples sombra que some?

*

Aniversário

Ó Palácio da Cultura!
Quem te viu e quem te vê,
tão desfigurado, jura
fitar, nesse miserê,
a tua caricatura.

*

Candidato

Se sai o tabelamento
de artigos alimentícios,
requeiro neste momento
gozar de seus benefícios,

não para baixar o preço
das coisas essenciais,
mas para entrar sem tropeço
no batalhão dos fiscais.

*

150 anos da Câmara dos Deputados

É rima difícil: Câmara
e controvérsia ilimitada.
A mais tentadora tâmara
perde o sabor quando enlatada.

*

Repetição

Aumenta o salário mínimo?
O custo de vida, máximo,
torna o mínimo mais mínimo
criando o mínimo máximo.

*

Comércio da privacidade

Mas esta é a velha Garbo, seminua
assim na praia, lamentavelmente?
Não. O retrato, em que a maldade estua,
é da alma do fotógrafo, somente.

*

CONVERSA DE AMIGOS

— Meu capitão, alvíssaras! O AI-5
vai ser cassado, e tudo fica brinco

na vida brasileira: uma só lei
que defenda e proteja toda a grei,

sem o estranho fantasma dessa Carta
roída pelo apêndice-lagarta.

— Boas falas, amigo. Celebremos
o sol da liberdade, com extremos

de carinho e fervor, que bem merece
o seu raiar, depois de tanta prece,

tanto esperar e tanto renunciar,
entre crer e descrer e duvidar

e voltar a insistir, em pensamento,
em palavra e silêncio, contra o vento.

Quer dizer que amanhã já temos novo
estatuto ditado pelo povo?

— Bem. Não é tanto assim. Foi dado o mote,
mas não vá com tanta sede ao pote.

Carece ter cuidado, jeito e calma,
não esmoreça e nem tropece a alma...

Capítulo importante: salvaguardas
que sejam eficazes qual bombardas,

mas não venham, com pinta diferente,
mascarar o AI-5 eternamente.

— Estou contigo. Em dose pra leão
qualquer remédio acaba com a Nação.

Mas há os “homens bons”, e com cautela
os vai ouvindo o Senador Portela.

De todas essas vozes concordantes,
uníssonas em pedir o quanto antes

o regresso ao estado de direito
(aspiração ardente em cada peito),

há de surgir a fórmula correta
que não seja de mágico ou de poeta,

capaz de garantir a liberdade
com sua irmã — responsabilidade.

Deve ser forte o Estado? Também forte
que seja o cidadão, de Sul a Norte,

consciente, vibrante, em sua fé,
escolhendo melhor do que Pelé.

Aguardemos, portanto, na vigília
de toda gente: em forma de família.

E que me contas mais? Outros assuntos?
— Não sei se deva pô-los assim juntos.

Enfim, grande lição vem de Israel
e do Egito, que, surdos ao tropel

de interesses guerreiros e rancores,
curam velhas feridas, velhas dores,

seguindo no bordado da esperança
de um futuro de luz e de bonança.

De Carnaval já vejo indícios mil
aqui no Rio: erige-se o perfil

de arquibancadas para o grande samba
daqui a meses... — Cáspite, caramba!

— O mais importa pouco. Mil buracos?
A gente se acostuma, e volta, aos cacos,

para casa, escapando dos assaltos
(uns escapam), driblando os sobressaltos

do moderno viver, tão mais gostoso
quanto mais o sentimos pavoroso.

— Não sejas tão azedo. Olha, o Natal
já vem pintando... e é o maior Sinal.

FOI-SE A COPA?

Foi-se a Copa? Não faz mal.
Adeus, chutes e sistemas.
A gente pode, afinal,
cuidar de nossos problemas.

Faltou inflação de pontos?
Perdura a inflação de fato.
Deixaremos de ser tontos
se chutarmos no alvo exato.

O povo, noutro torneio,
havendo tenacidade,
ganhará, rijo, e de cheio,
a Copa da Liberdade.

24/06/1978

CONVERSA COM O LIXEIRO

Amigo lixeiro, mais paciência.
Você não pode fazer greve.
Não lhe falaram isto, pela voz
do seu prudente sindicato?
Não sabe que sua pá de lixo
é essencial à segurança nacional?
A lei o diz (decreto-lei
que nem sei se pode assim chamar-se,
em todo caso papel forte,
papel assustador). Tome cuidado,
lixeiro camarada, e pegue a pá,
me remova depressa este monturo
que ofende a minha vista e o meu olfato.
Você já pensou que descalabro,
que injustiça ao nosso *status* ipanêmico,
lebloniano, sanconrádico, barramárico,
se as calçadas da Vieira Souto e outras conspícuas
vias de alto coturno continuarem
repletas de pacotes, latões e sacos plásticos
(estes, embora azuis), anunciando
uma outra e feia festa: a da decomposição
mor das coisas do nosso tempo,
orgulhoso de técnica e de *cleaning*?
Ah, que feio, meu querido,
esse irmanar de ruas, avenidas,
becos, bulevares, vielas e betesgas e tá-tá-tá
do nosso Rio tão turístico
e tão compartimentado socialmente,
na mesma chave de perfume intenso

que Lanvin jamais assinaria!
Veja você, meu caro irrefletido:
a Rua Cata-Piolho, em Deus-me-Livre,
equiparada à Atlântica Avenida
(ou esta àquela)
por idêntico cheiro e as mesmas moscas
sartrianamente varejando
os restos tão diversos uns dos outros,
como se até nos restos não houvesse
a diferença que vai do lixo ao luxo!
Há lixo e lixo, meu lixeiro.
O lixo comercial é bem distinto
do lixo residencial, e este, complexo,
oferece os mais vários atrativos
a quem sequer tem lixo a jogar fora.
Ouço falar que tudo se resume
em você ganhar um pouco mais
de mínimos salários.
Ora essa, rapaz: já não lhe basta
ser o confiável serviçal
a que o Rio confere a alta missão
de sumir com seus podres, contribuindo
para que nossa imagem se redoure
de graças mil sob este céu de anil?
Vamos, aperte mais o cinto,
se o tiver (barbante mesmo serve),
e pense na cidade, nos seus mitos
que cumpre manter asseados e luzidos.
Não me faça mais greve, irmão lixeiro.
Eu sei que há pouco pão e muita pá,
e nem sempre ou jamais se encontram dólares,
joias, letras de câmbio e outros milagres
no aterro sanitário.
E daí? Você tem a ginga, o molejo necessários

para tirar de letra um samba caprichado
naqueles comerciais de televisão,
e ganhar com isto o seu cachê
fazendo frente ao torniquete
da inflação.

Pelo que, prezadíssimo lixeiro,
estamos conversados e entendidos:
você já sabe que é essencial
à segurança nacional
e, por que não?, à segurança multinacional.

17/02/1979

RIO EM FLOR DE JANEIRO

A gente passa, a gente olha, a gente para
e se extasia.

Que aconteceu com esta cidade
da noite para o dia?

O Rio de Janeiro virou flor
nas praças, nos jardins dos edifícios,
no Parque do Flamengo nem se fala:
é flor é flor é flor,
uma soberba flor por sobre todas,
e a ela rendo meu tributo apaixonado.

Pergunto o nome, ninguém sabe. Quem responde
é Baby Vignolli, é Léa Távora.

(Homem nenhum sabe nomes vegetais,
porém mulher se liga à natureza
em raízes, semente, fruto e ninho.)

Iúca! Iúca, meu amor deste verão,
que melhor se chamara primavera.

Yucca gloriosa, mexicana
dádiva aos canteiros cariocas.

Em toda parte a vejo. Em Botafogo,
Tijuca, Centro, Ipanema, Paquetá,
a ostentar panículas de pérola,
eretos lampadários, urnas santas,
de majestade simples. Tão rainha,
deixa-se florir no alto, coroando
folhas pontiagudas e pungentes.

A gente olha, a gente estaca

e logo uma porção de nomes populares
brota da ignorância de nós todos.
Essa gorda baiana me sorri:
— Círio de Nossa Senhora... (ou de Iemanjá?).
— Vela de pureza, outra acrescenta.
— Lanceta é que se chama. — Não, baioneta.
— Baioneta espanhola, não sabia?
E a flor, que era anônima em sua glória,
toda se entreflora de etiquetas.

Deixemo-la reinar. Sua presença
é mel e pão de sonho para os olhos.
Não esqueçamos, gente, os *flamboyants*,
que em toda a sua pompa se engalanam
aqui, ali, no Rio flóreo.
Nem a dourada acácia,
nem a mimosa nívea ou rósea espirradeira,
esse adágio lilás do manacá,
esse luxo do ipê que nem-te-conto,
mais a vermelha aparição
dos brincos-de-princesa nos jardins
onde a banida cor volta a imperar.

Isto é janeiro e é Rio de Janeiro
janeiramente flor por todo lado.
Você já viu? Você já reparou?
Andou mais devagar, para curtir
essa inefável fonte de prazer:
a forma organizada
rigorosa
esculpintura da natureza em festa, puro agrado
da Terra para os homens e mulheres
que faz do mundo obra de arte
total universal, para quem sabe

(e é tão simples)
ver?

22/01/1980

VER E OUVIR, SEM BRINCAR

Ninguém pergunta mais:

— Você vai brincar no carnaval?

Brincar, irmão, quem pode brincar
se perdida foi a ideia de brinquedo?

Alguns ainda perguntam:

— Como é? Vai pular no carnaval?

Então é isso a festa: um pulo
e outro pulo e mais outro? Neste caso,
campeoníssimo seria o João do Pulo.

O que ouço dizer é simplesmente:

— Vai ver o carnaval?

Conclusão, ano 80:

Carnaval

é o visual.

Você não brinca mais,

nem mesmo pula mais

na rua hoje deserta, no salão

onde um suor se liga a outro suor

e ar condicionado é falta de ar.

Que pode o folião? Acaso existe ainda,
e funciona, essa palavra folião?

Folia, antiga dança rápida

que o adufe acompanha, no dizer

de sábio, antigo, dicionário.

Quem me dança a folia, quem folia,

quem, *fol* ou *fou*, *folâtre*, *folichon*, *folle*,
fool, pratica o foliar?

Ah, sim, o sambista e sua escola
foliando para turistas e a distinta
Comissão Julgadora. Pontos! Pontos!
Quesitos mais quesitos! Briga feia
nessa programação oficial
que garimpa e governa o carnaval.
Foliam para os outros. Não foliam
pelo gosto,
pela graça,
pelo orgasmo de foliar, loucura santa,
desabrochar do corpo em rosa súbita,
em penacho, batuque, diabo, mico,
chama, cometa, esguicho, gargalhada,
a cambalhota em si, o riso puro,
o puro libertar-se da prisão
que cada um carrega em sua liberdade
vigiada, medida, escriturada.

Então pego uma sobra, vou olhar,
ouvir
a cor, o som, o balancê padronizado
que rioturisticamente se oferece
ao mercado da vista e dos ouvidos.
Eu vejo, não me integro,
não participo, não sou o grande todo,
nem o grande todo é mesmo todo e tudo.
Entre o olho e o desfile,
a arquibancada corta o meu impulso
de ser um com eles, ir com eles
pela rua afora,
pelo sonho afora.

A rua, onde ficou

a velha rua, seu espaço de brincar,
seu aberto salão a céu aberto,
sem entrada paga, sem cambistas
e fiscais?

O carnaval é rua, não teatro,
não *show*, produto industrial
monumental
a ser consumido numa noite
de lenta evolução
e classes divididas
pelo respeitável público pagante.
Como comprar, como pagar
o que não tem preço e chama-se
alegria?

16/02/1980

BRINQUEDOS PARA HOMENS

Embora eu seja adulto,
não me seduzem os brinquedos eletrônicos
que a moda, irônica, me oferece.

E excogito:

Que brinquedo inventar para o adulto,
privativo dele, sangue e riso dele,
brinquedo desenganado mas eficiente?

Tenho de inventar o meu brinquedo,
mola saltando no meu íntimo,
alegria gerada por mim mesmo,
e fácil, fluida, pluma,
pétala.

Sem o pedir às máquinas e aos deuses,
que cada um invente o seu brinquedo.

28/06/1980

A EXCITANTE FILA DO FEIJÃO

Larga, poeta, a mesa de escritório,
esquece a poesia burocrática
e vai cedinho à fila do feijão.

Cedinho eu disse? Vai, mas é de véspera,
seja noite de estrela ou chuva grossa,
e sem certeza de trazer dois quilos.

Certeza não terás, mas esperança
(que substitui, em qualquer caso, tudo),
uma espera-esperança de dez horas.

Dez, doze ou mais: o tempo não importa
quando aperta o desejo brasileiro
de ter no prato a preta, amiga vagem.

Camburões, patrulhinhas te protegem
e gás lacrimogêneo facilita
o ato de comprar a tua cota.

Se levas cassetete na cabeça
ou no braço, nas costas, na virilha,
não o leves a mal: é por teu bem.

O feijão é de todos, em princípio,
tal como a liberdade, o amor, o ar.
Mas há que conquistá-lo a teus irmãos.

Bocas oitenta mil vão disputando

cada manhã o que somente chega
para de vinte mil matar a gula.

Insiste, não desistas: amanhã
outros vinte mil quilos em pacotes
serão distribuídos dessa forma.

A conta-gotas vai-se escoando o estoque
armazenado nos porões do Estado.
Assim não falta nunca feijão-preto

(embora falte sempre nas panelas).
Método esconde-pinga: não percebes
que ele torna excitante a tua busca?

Supermercados erguem barricadas
contra esse teu projeto de comer.
Há gritos, há desmaios, há prisões,

suspense à la Hitchcock ante as cerradas
portas de bronze, guardas do escondido
papilionáceo grão que ambicionas.

É a grande aventura oferecida
ao morno cotidiano em que vegetas.
Instante de vibrar, curtir a vida

na dimensão dramática da luta
por um ideal pedestre mas autêntico:
Feijão! Feijão, ao menos um tiquinho!

Caldinho de feijão para as crianças...
Feijoada, essa não: é sonho puro,
mas um feijão modesto e camarada

que lembre os tempos tão desmoronados
em que ele florescia atrás da casa
sem o olho normativo da Cobal.

Se nada conseguires... tudo bem.
Esperar é que vale — o povo sabe
enquanto leva as suas bordoadas.

Larga, poeta, o verso comedido,
a paz do teu jardim vocabular,
e vai sofrer na fila do feijão.

25/10/1980

A AMIGA VOLTOU

Muitas promessas não foram cumpridas nos últimos doze meses.
Eu mesmo, ativo cobrador de promessas,
terei prometido e faltado
no mínimo sete vezes por semana
e, o que é pior,
ostentando indefectível cara de pau.
Homens enganaram homens e mulheres
com voz de flauta doce:
“Vou fazer isso, vou fazer aquilo,
vocês têm de confiar neste compatriota...”
Fez? Pois sim, seu Serafim.

Mas essa amiga prometeu e cumpriu:
“*Tou* de volta em janeiro.”
E *tá*. No Parque do Flamengo;
como anunciara. E um pouco
por toda parte: Íuca
e sua branca floração em cachos.

Temia que não viesses mais,
Íuca. As coisas andam pretas,
e tuas alvas panículas contrastantes
com o negro sobrecenho
deste Rio assustado
podiam parecer provocação.
Mas sorriste do medo.
Chegaste, amiga nossa,
pontual,
lirial,

janeiramente abril.

É consolo, conforto
saber que não mudaste
e restauras em nós a matutina esperança
de ter um dia bonito à nossa frente.
Pronto, ganhei o dia,
só de te ver e de beijar com os olhos
tua florada em forma de turíbulo
ou lâmpada suspensa.

Assim fazem as plantas,
honradas, tranquilas companheiras
neste viver em grupo, conturbado.
Não seguem portarias
nem do Banco Central nem do Conselho
Interministerial de Preços Altos.
Têm seu próprio destino prefixado
(não correção incerta monetária),
e a ele são fiéis. Fiel Iúca,
a trabalhar de graça para os pobres
olhos da população carente de feijão,
de sossego, de carne e de carinho.
Não tens partido, entre os partidos
tão repartidos que hoje se emaranham
na tentativa de comprar o passe
de partidários outros e volúveis.
Iúca, tua glória
não resulta de novelas,
nem de estádios, palácios, ministérios
de trombeteada fama nacional.
És apenas tu mesma, arbusto digno
que promete florir e cumpre
na hora certa o verde prometido.

Muito obrigado, amiga.
Eu precisava bem deste reencontro.
Nós precisávamos bem deste reencontro.
A folha de rija ponta espiniforme
não molesta ninguém: prepara a flor
inumerável, ofertada
ao dia brasileiro angustiado.

17/01/1981

LIQUIDAÇÃO DE INVERNO

Olha o ajuntamento na calçada,
o bolo humano denso, silencioso,
a paralisia coletiva...
Que foi que aconteceu?
Crime, suicídio, bomba, um novo deus?

Calma, não te assustes.
Precisas acostumar-te com a cidade
e seus ritos pendulares.
Não viste nos jornais aquele grito
e nas vitrinas as vermelhas tiras
anunciando em voz e cifra
Liquidação
Liquidação?

Agora vejo que esse grupo
indecifrado logo se esclarece.
Homem nenhum, ou quase. Só mulheres,
pois só mulheres sabem quando é hora
de (formigas) comprar para guardar.

A porta está fechada? Mas no aquário
de lãs tricôs camurças couros
quatro consumidoras são servidas,
outras quatro, cá fora, esperam vez.
Esperar resignado
de quem sabe que tudo anda difícil
e até os ossos do festim
têm que ser disputados como pérolas.

Outras quatro mais quatro vão entrando
no longo dia lento, frio.
O casaco de acrílico de 1000
961 por 900
e 84, uma pechincha. A calça *jeans*
para menina, a camisola, a jardineira,
meu Deus, o casacão, o *plush*,
tudo ficou barato de repente
ou dá a ilusão de ser barato,
convida, chama, intima:
Me compra rapidinho, enquanto o inverno
faz que vai mas não vai, e está gelado
o corpo, o quarto, o amor e tudo mais.

Liquidação, palavra mágica,
seu fundo de negrume e seu clarão.
Liquida-se um império,
uma política, um chefe, uma doutrina,
e nas vazias prateleiras outras formas
se acumulam, aguardam
o tempo de murchar, o despreço
do preço baixo, a remarcada
voga da estação, como se tudo
durasse um quarto de ano: juramentos,
códigos, angústias, braceletes,
sandálias, planos...
E dura, e dura mais?

... e seu clarão.
Liquidadas as modas sazonais,
restaura-se a esperança na vitrina.
O jogo do futuro nos cativa.
A primavera, juro, vai trazer

o inolvidável prêmio de existir.
Seremos todos jovens. Ninguém mais
se lançará da ponte, ou traficâncias
fará contra a sorte dos humildes.
Todos serão humildes, na alegria
de um tempo verdejante...

Calma, não sonhes tanto.
Liquidação é apenas
porta deixando passar
compradores de saldos.
Se queres o brinquedo
de jogar com palavras, preferível
esta, que te dou entre dois goles
de papo vespertino: liquidâmbar.
Gostaste? Seu olor resinoso
o nariz te penetra e reconforta
a poluída garganta? Esquece, esquece
as liquidações que não liquidam
a carga de injustiça e desamor
pairante sobre a vida,
seja inverno ou verão, outono ou primavera.

TEMPO DE IPÊ

Não quero saber de IPM, quero saber de IP.
O M que se acrescentar não será militar,
será de Maravilha.
Estou abençoando a terra pela alegria do ipê.
Mesmo roxo, o ipê me transporta ao círculo da alegria,
onde encontro, dadivoso, o ipê-amarelo.
Este me dá as boas-vindas e apresenta:
— Aqui é o ipê-rosa.
Mais adiante, seu irmão, o ipê-branco.
Entre os ipês de agosto que deveriam ser de outubro,
mas tiveram pena de nós e se anteciparam
para que o Rio não sofresse de desamor, tumulto, inflação,
mortes.
Sou um homem dissolvido na natureza.
Estou florescendo em todos os ipês.
Estou bêbado de cores de ipê, estou alcançando
a mais alta copa do mais alto ipê do Corcovado.
Não me façam voltar ao chão,
não me chamem, não me telefonem, não me deem
dinheiro,
quero viver em bráctea, racemo, panícula, umbela.
Este é tempo de ipê. Tempo de glória.

AQUI HAVIA UMA PRAÇA

A Praça da Estação em Belo Horizonte,
duas vezes a conheci: antes e depois das rosas.

Era a mesma praça, com a mesma dignidade,
o mesmo recado para os forasteiros:

“Esta cidade é uma promessa de conhecimento,
talvez de amor”.

A segunda Estação da Central, inaugurada por Eptácio,
o Monumento do Starace, encomendado por Antônio Carlos,
são feios? São belos?

São linhas de um rosto, marcas de vida.

A praça de entrada de Belo Horizonte,
mesmo esquecida, mesmo abandonada pelos Poderes Públicos,
conta pra gente uma história pioneira
de homens antigos criando realidades novas.

É uma praça — forma de permanência no tempo —
e merece respeito.

Agora querem levar para lá o metrô de superfície.

Querem massacrar a memória urbana, alma da cidade,
num de seus últimos pontos sensíveis e visíveis.

Esvoaça crocitante sobre a Praça da Estação

o Metrobel decibel a granel sem quartel.

Planejadores oficiais insistem em fazer de Belo Horizonte
linda linda linda de embalar saudade
mais uma triste antichidade.

SALÁRIO

Ó que lance extraordinário:
aumentou o meu salário
e o custo de vida, vário,
muito acima do ordinário,
por milagre monetário
deu um salto planetário.
Não entendo o noticiário.
Sou um simples operário,
escravo de ponto e horário,
sou caxias voluntário
de rendimento precário,
nível de vida sumário,
para não dizer primário,
e cerzido vestuário.
Não sou nada perdulário,
muito menos salafrário,
é limpo meu prontuário,
jamais avancei no Erário,
não festejo aniversário
e em meu sufoco diário
de emudecido canário,
navegante solitário,
sob o peso tributário,
me falta vocabulário
para um triste comentário.
Mas que lance extraordinário:
com o aumento de salário,
aumentou o meu calvário!

28/05/1983

O POEMA DA BAHIA QUE NÃO FOI ESCRITO

Um dia — faz muito, muito tempo —
achei que era imperativo fazer um poema sobre a Bahia,
mãe de nós todos, amante crespa de nós todos.
Mas eu nunca tinha visto, sentido, pisado, dormido, amado a Bahia.
Ela era para mim um desenho no atlas,
onde nomes brincavam de me chamar:
Boninal,
Gentio do Ouro,
Palmas do Monte Alto,
Quijingue,
Xiquexique,
Andorinha.
— Vem... me diziam os nomes, ora doces.
— Vem! ora enérgicos ordenavam.

Não fui.
Deixei fugir a minha mocidade,
deixei passar o espírito de viagem,
sem o qual é vão percorrer as sete partidas do mundo.
Ou por outra, comecei a viajar por dentro, à minha maneira.
Ainda carece fazer poema sobre a Bahia?
Não.

A Bahia ficou sendo para mim
poema natural
respirável
bebível
comível
sem necessidade de fonemas.

SONETOS HEREDIANOS

I

Era bom traduzir os sonetos de Herédia
a poder de martelo, altas horas da noite.
No suplício da forma um sabor de comédia
testará o animal que na treva se acoite.

O desfecho (in)feliz envolve-se na média
de galas esmagadas. Qualquer um que se afoite
nos meandros do *mot* há de soltar as rédeas
ao cavalo interior, carente de pernoite.

A língua, inda sangrando em cacos de palavras
que jamais tornarão à virtude primeira,
pergunta (ou quase que), após servido o chá.

E o bardo, recalando aporias escravas,
silente se recolhe à furna derradeira.
Ninguém que responda: Herédia ou Herediá?

II

A concha de Heredia encanta e contagia
o brasílio Parnaso. O verbo alexandrino
reluz em facho de ouro, e a noite se faz dia
por artes do cantor e seu sabor ladino.

Ingrato, o nosso idioma, e por isso mais fino
o triunfo verbal que ao público extasia:

vulva *frêle et navrée*, num lance cristalino,
expõe-se, esplendorosa, em sua plena magia.

Palmas ao tradutor, esforçado xavante,
guarani culto e sábio ou famoso tupi,
mestre no deglutir, em quarteto e terceto,

o sol, o sal, a cor que iguais eu nunca vi,
embora o nosso herói se confesse ofegante
depois de haver parido um alheio soneto.

Posfácio

Amor em tempos sombrios
Fabio Cesar Alves

Último livro de poemas que Carlos Drummond de Andrade publicou em vida, *Amar se aprende amando* (1985) representa, no interior de sua vasta e complexa produção, um momento de síntese. Embora, juntamente com *A falta que ama* e *O amor natural*, seja um dos poucos livros que faça referência ao sentimento amoroso desde o título, a obra elege de modo muito particular e fulgurante um núcleo temático que, já presente em *Alguma poesia*, se adensaria nos poemas da maturidade e, no livro de 1985, encontraria uma expressão integradora.

Nos primeiros poemas amorosos de Drummond predominava a tentativa, invariavelmente fracassada, do sujeito lírico de harmonizar o sentimento sublime com a desordem do mundo, ora de modo mais sardônico, ora de forma mais pungente. É assim que o célebre “Quadrilha” (“João amava Teresa que amava Raimundo/ que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili/ que não amava ninguém”) incorpora em sua própria estrutura a assimetria e a ilogicidade do sentimento amoroso, sob o registro perplexo e debochado do poeta gauche, disposto a zombar das convenções e do acaso, como o imprevisto casamento de Lili “com J. Pinto Fernandes/ que não tinha entrado na história”.¹

Os anseios subjetivos seriam potencializados, nos anos 1940, pelas aspirações coletivas cantadas pelo nosso maior poeta público como em “O mito”, no qual o “poeta precário” anseia pelos “beijos refrigerados” e pelo “burguês sorriso” da amada, a um tempo real e irreal.² O amor é um tema tão caro a Drummond que se faz presente até mesmo em uma obra de feitiço mais clássico e disfórico, como *Claro enigma*, de 1951. A homossexualidade tematizada no poema “Rapto”, compreendida como “outra forma de amar no acerbo amor”, leva o poeta a recuperar o mito de Ganimedes — o mais belo dos homens e, por isso, sequestrado por Zeus — para inseri-lo, modernamente, na experiência cotidiana, em

meio às “portas de pérola dúbia das boates”, realidade diante da qual o sujeito lírico “baixa os olhos”, sem respostas, em uma dicção muito afeita ao *desengano* que permeia a coletânea.³ A partir de *Lição de coisas* (1962), no entanto, a consciência reflexiva do sujeito, traço fundamental da poesia drummondiana, parece se deixar acompanhar por algum grau de aceitação dos desarranjos amorosos, encenando um olhar para a experiência que procura mais a fruição mesma do amar, que “não consola nunca de núnkaras”,⁴ do que propriamente sua compreensão. Essa capacidade de imersão culminaria nos poemas de apelo erótico publicados de modo esparso em fins dos anos 1970 e que seriam reunidos, com outros inéditos, em *O amor natural* (1992).⁵ Geralmente, nessas composições, a vivência da sexualidade como apoteose dos sentidos capaz de suplantar as dores do mundo aparece sob múltiplas formas, transplantando para os domínios da carne a idealização antes adstrita ao sentimento eivado de culpas, desencontros ou interdições.⁶ Embora a tônica dos poemas seja o caráter integrador do erotismo, a entrega do sujeito lírico ao gozo em *O amor natural* mostra-se algumas vezes transitória e incompleta: “É areia, o prazer? Não há mais nada/ após esse tremor?”⁷ — pergunta a voz poética fisicamente saciada e, por isso mesmo, insatisfeita.

No livro *Corpo*, de 1984, a percepção do vazio gerado pela experiência sensual da matéria se revela em poemas que tratam das contradições do prazer: “Quero romper com meu corpo/ quero enfrentá-lo, acusá-lo/ por abolir minha essência,/ mas ele sequer me escuta/ e vai pelo rumo oposto”.⁸ A satisfação física pleiteada pelos poemas eróticos parece então não bastar mais ao sujeito poético de *Corpo*, que busca “o absoluto amor/ revel à condição de carne e alma”, um sentimento capaz de suprir a demanda de desejo, mas também de dar sentido à vida caótica e aos vazios do homem insulado na modernidade.

É como consequência desse longo percurso “amoroso” que *Amar se aprende amando* representa uma resposta a tal impasse na poética drummondiana. Pois o que se anuncia desde o título — o aprendizado do sentimento por meio da empiria — efetivamente se constata mediante a leitura dos quase setenta poemas do livro: Drummond

procura fundir, na obra, o afeto e a experiência, a ideia e o corpo,⁹ a vida íntima e a vida social, o que lhe permite alargar a própria definição de amor, também traduzido em amizade, reverência a intelectuais de sua admiração, devoção à natureza, homenagens a casais que se enlaçam, histórias de namorados que enfrentam as agruras do cotidiano e conversas com trabalhadores que sequer são vistos pelos transeuntes da grande cidade. Como o arco temporal dos poemas compreende um período amplo, entre 1968 e 1985, o sentimento amoroso torna-se, via de regra, o filtro por meio do qual o poeta lida com a realidade de um Brasil silenciado pela ditadura militar, tanto em seus momentos agudos de repressão quanto na abertura “lenta, gradual e segura” que marcaria a virada para os anos 1980.

Dividido em três seções — “Carta de guia (?) de amantes”, “O convívio ideal” e “Alegrias e penas por aí”, *Amar se aprende amando* é, segundo Drummond em uma de suas derradeiras entrevistas, “um livro que trata do aprendizado do amor, que só cessa com a morte”; e um conjunto de poemas que procura extrair “da realidade cotidiana o alimento para a poesia”.¹⁰ Na obra, o “acerbo sentimento” surge como fonte de conhecimento de mundo, uma vez que no interior dele fosforescem as marcas da história. Por essa razão, o poema-epígrafe retoma os versos finais da *Divina comédia* (“O amor que move o sol,/ como as estrelas”), para acrescentar, “sem pretensão a contribuir/ para que se desvende o mistério amoroso”, que “Amar se aprende amando./ Sem omitir o real cotidiano,/ também matéria de poesia”. Eis a dicotomia que Drummond, neste livro, procura superar: a separação entre o sentimento sublime e o curso dos acontecimentos, a elevação do sentimento e a vida ao rés do chão, aspiração tão válida para o poeta mineiro quanto “a verdade resplandecente” e celestial de Dante.¹¹ O movimento do livro — que discorre diretamente sobre o sentimento amoroso na primeira parte; rende homenagens a amigos na segunda; e se concentra na crônica do cotidiano carioca na terceira — expressa o esforço do poeta em fundir sentimento e experiência.

No entanto, os primeiros poemas de *Amar se aprende amando* ainda se valem do amor como estratégia de diluição do sujeito no mundo,

dispensando o confronto com a realidade e as imposturas da razão, tal como expressa a voz poética de “Reconhecimento do amor”. Os amantes, “perdidos [...] na concha ultramarina de amar”, não captam mais a paisagem, pois se tornaram unidade, “pura essência”. Algo dessa ordem se revela também em “Além da Terra, Além do Céu”, um poema que atualiza o tópos do amor celestial (“no trampolim do sem-fim das estrelas[...] vamos conjugar/ o verbo fundamental essencial”), celebrando a transcendência de um sentimento acima “das gramáticas/ e do medo e da moeda e da política” — ideal que a voz poética almeja, sem, no entanto, alcançá-lo. As dores do mundo, desse modo, funcionam como um impulso para o céu dos amantes, o que redimensiona, em vários poemas, o alcance do sentimento e as ameaçadoras pedras do caminho, incutindo nas composições certa dose de negatividade. Em “Amor”, o eu lírico compara o afeto a uma rosa, cujo perfume, no entanto, não chega até ele. A ânsia de amar, acompanhada do sofrimento e das decepções, é o mote da “Lira do amor romântico”, no qual os versos em redondilhas, mimetizando a brincadeira infantil do malmequer, assinalam a maldição dos peixes ao poeta: “hás de amar eternamente”. O *gauchismo* outrora anunciado pelo anjo torto torna-se, então, a sina mesma de amar, o que compulsoriamente devolve o sujeito lírico à realidade.

Também nessa primeira seção encontra-se a retomada moderna do epitalâmio, composição clássica destinada a celebrar núpcias. Em um dos dois poemas dedicados a esse tipo de canto, Drummond retoma os nobres versos de Dante da abertura do livro para inseri-los em seu “tosco” verso, de modo que o caráter sublime do enlace matrimonial é entrevisto por uma óptica rebaixada e moderna, ciente de que o sonho, nos noivos, “se cristaliza e assume/ o contorno sensível da existência”¹² — sinalizando uma perspectiva mais terrena e lúcida em relação ao sentimento. A ironia drummondiana torna então o canto celebratório uma lembrança da ameaça permanente à plenitude dos nubentes, risco representado pela vida cotidiana. Esse olhar para as agruras do dia a dia se adensa na obra progressivamente, de tal maneira que no poema que encerra a primeira seção, “A lamentável história dos namorados”, o sujeito poético, perplexo, descobre que os “doces amantes” sucumbiram

diante da inflação, do desemprego e da falta de moradia, o que lhe permite sentenciar: “não dá mais pra namorar”.

Justamente diante das ameaças da realidade é que a segunda seção do livro, “O convívio ideal”, traz poemas em homenagem a artistas e intelectuais dos círculos de amizade do poeta, como se esses amigos criassem um universo à parte, capaz de ativar lembranças e alegrias que resistem ao tempo. Nessas composições, o gesto amoroso se revela na admiração de Drummond por cada uma dessas figuras notáveis, cujas atuações não obliteram o peso da realidade vil: a transcendência espiritual de Alphonsus de Guimaraens Filho permite ao poeta cristão conectar-se com anjos em uma “era absurda”; o juízo crítico fundado no “sal da percepção”, tão decisivo em Antonio Candido, vem acompanhado da recusa do crítico em “provar os frutos da árvore da opressão”; a companhia de Guilhermino César autoriza o sujeito poético a desfrutar do “néctar absoluto” da amizade em um país reconstruído na memória, posto que “não existe mais”. Portanto, é por meio do trânsito entre o mundo real e o ideal que se pode apreender o realismo desses “versos de circunstância”, não fosse Drummond inteiramente avesso ao rótulo, uma vez que, para ele, a circunstância, ao se incorporar à poesia, deixaria justamente de ser circunstancial.¹³ Assim, integradas aos poemas da primeira parte, as lembranças e as homenagens aos amigos iluminam, pelo avesso, as dificuldades de um presente marcado pela ditadura, seja em seus momentos de apogeu, seja em seu período de declínio.

É esse aspecto do real que ascende ao primeiro plano na terceira seção de *Amar se aprende amando*, “Alegrias e penas por aí”, em que, ao lado do amor, as múltiplas referências ao país mergulhado na repressão se fazem tão presentes quanto o ceticismo com que Drummond atentava para os rearranjos partidários em tempos de abertura política. Em “A queda”, escrito em janeiro de 1972, o poeta-cronista se vale de uma das maiores tragédias da história do Rio de Janeiro — o desabamento do elevado Paulo de Frontin, em novembro de 1971,¹⁴ no auge da repressão de Médici — para (re)pensar a dimensão política do presente:

*De quem a culpa? Está-se apurando
entre destroços.*

*Se cai o resto,
antes de findo o julgamento?*

*E, se não cai,
ficará o colosso mutilado
entre céu e terra
no ofício de fantasma,
apavorando quem passar?*

*Na paz conquistada
já não correm perigo
os mortos do elevado.
E os vivos?*

A aporia vislumbrada pela voz poética, ao refletir sobre a tragédia a céu aberto que se tornou antítese do ufanismo oficial, culmina na imagem do “colosso mutilado”, metáfora viva dos anos de chumbo: como apenas a morte livraria as pessoas comuns do perigo, aos sobreviventes restaria o beco sem saída do terror, da coerção física e, de forma subliminar, da perseguição política. O poeta parte, então, do registro da cidade para tecer uma reflexão abrangente que se constitui como resposta à ditadura na qual o país estava imerso. O questionamento final, em suspenso, paira ao mesmo tempo como ameaça permanente e sinal de alerta. Embora Drummond tenha sido o primeiro escritor consagrado a tratar do episódio, alguns anos depois o compositor Aldir Blanc escreveria a letra de “O bêbado e a equilibrista” (música que se tornaria o hino da anistia em fins dos anos 1970), e retomaria a imagem do elevado também para tratar da repressão, por meio dos célebres versos “Caía/ a tarde feito um viaduto”. Enfim, o tema do “amor” na terceira parte de *Amar se aprende amando* surge indiretamente, no registro da vida carioca e na busca de um país menos desumano.¹⁵ Em outras composições dessa seção, Drummond não apenas faz pouco-caso da retórica oficial (sintetizada pelo slogan “ame-o ou deixe-o”), como

também a subverte pelo humor, o que se verifica no poema “Foi-se a Copa?”: “Adeus, chutes e sistemas./ [...] O povo, noutro torneio,/ havendo tenacidade,/ ganhará, rijo, e de cheio,/ a Copa da Liberdade”. Se a ameaça permanente é evocada pelo poeta ao tratar da tragédia do viaduto e do espetáculo de futebol instrumentalizado pelos militares, os tempos de abertura são retratados em “Conversa de amigos”, poema dramático datado de dezembro de 1977. O assunto é a revogação do Ato Institucional no 5, que aconteceria de fato um ano mais tarde:

*Quer dizer que amanhã já temos novo
estatuto ditado pelo povo?*

*— Bem. Não é tanto assim. Foi dado o mote,
mas não vá com tanta sede ao pote.
Carece ter cuidado, jeito e calma,
não esmoreça e nem tropece a alma...*

*Capítulo importante: salvaguardas
que sejam eficazes qual bombardas,*

*mas não venham, com pinta diferente,
mascarar o AI-5 eternamente.*

O desdobramento da voz poética permite lançar um olhar cético para a abertura política que resultaria na anistia e no fim da censura: enquanto um dos amigos demonstra euforia com a nova situação, outro pondera mais criticamente sobre o possível retorno ao estado de direito no país. A percepção de que a vida democrática poderia se traduzir em um “AI-5 mascarado” refreia o otimismo então em curso e expõe o quanto Drummond estava atento ao rotineiro estado de exceção brasileiro, sinalizando certo ceticismo diante da redemocratização orquestrada pelo alto, legalidade que jamais poderia bastar como declaração de princípios. É, portanto, da conversa cotidiana que o poeta extrai reflexões atentas sobre a vida nacional, as quais desfazem a imagem de um Drummond

alheio à realidade social e histórica que os poemas de amor, à primeira vista, poderiam referendar. A força de *Amar se aprende amando*, portanto, decorre da ampliação paroxística da concepção de amor, processo que passa pelo necessário reverso do sentimento e pelas condições objetivas que o limitam.

A confluência da dupla perspectiva — a amorosa e a política — opera-se explicitamente em uma das composições mais tocantes do volume, “A amiga voltou”, poema datado de janeiro de 1981. Em entrevista por ocasião do lançamento do livro, Drummond fala da emoção que sentira ao descobrir o nome mexicano da flor branca que cobria a paisagem nos verões cariocas — a *Yucca*:

Levei mais tempo procurando o nome da flor do que fazendo o poema. O nome me foi dado por duas senhoras. Encontrar os cachos brancos é uma alegria para a vista. São pequenas coisas que dão alento à vida, porque a poesia não precisa ficar restrita aos grandes lances do destino.¹⁶

O poema, dedicado à “flor amiga” que o poeta reencontra todos os anos nas ruas da cidade, celebra as “alvas panículas contrastantes” do espécime em oposição ao “negro sobrelenho” de um Rio assustado. Uma flor “a trabalhar de graça para os pobres/ olhos da população carente de feijão,/ de sossego, de carne e de carinho”. Uma flor sem partido, “entre os partidos/ tão repartidos que hoje se emaranham/ na tentativa de comprar o passe/ de partidários outros e volúveis”. Extasiado por reencontrá-la, o sujeito poético agradece à fidelidade da planta:

*Muito obrigado, amiga.
Eu precisava bem deste reencontro.
Nós precisávamos bem deste reencontro.
A folha de rija ponta espiniforme
não molesta ninguém: prepara a flor
inumerável, ofertada*

ao dia brasileiro angustiado.

A flor ofertada pela natureza e recriada literariamente por Drummond não é mais a rosa de 1945, que brota do asfalto em tempos de “alucinações e espera”.¹⁷ Tampouco é a “rosa das trevas” de *Claro enigma*, encenando a retirada melancólica do poeta da praça de convites.¹⁸ É a flor branca de matriz ameríndia, parte da paisagem urbana que o eu lírico elegeu para amar, e que brota do mais comum dos cotidianos, minorando momentaneamente a dor do dia a dia. O canto de amor à iúca, ao permitir a fruição de uma breve plenitude, ilumina pelo avesso, no começo dos anos 1980, aspectos de uma nebulosa realidade: um momento histórico pautado pelo naufrágio das utopias que galvanizaram as lutas contra a repressão e a ausência de perspectivas quanto à possibilidade de uma nação verdadeiramente integrada.

De modo geral, ao conjugar a temática amorosa à vida social e política, Drummond, em *Amar se aprende amando*, responde aos livros anteriores de sua fase madura por meio de poemas que elegem o cotidiano e as múltiplas formas de amar como pontos de partida para se pensar o país e a situação da lírica em tempos tão avessos a ela. O amor move o sol e as estrelas, mas o moderno poeta itabirano, justamente por sabê-lo, não se esquivava da fila do feijão.

1 “Quadrilha”, de *Alguma poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 54.

2 “O mito”, de *A rosa do povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, pp. 68-9.

3 “Rapto”, de *Claro enigma*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 50. Para uma interpretação do amor crepuscular do livro de 1951, ver o ensaio de João Luiz Lafetá, “Leitura de ‘Campo de flores’” (*A dimensão da noite e outros ensaios*. Org. de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2004, pp. 38-54).

4 “Amar-amaro”, de *Lição de coisas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 45.

5 Ao mesmo tempo que publicava alguns de seus poemas eróticos, Drummond se queixava da “pornografia” e da “vulgaridade” reinantes na poesia em tempos de consumo acelerado: “A poesia agora não tem nenhuma regra, nenhum princípio. Não tem métrica, não tem rima, não tem ritmo. É só juntar palavras. Sobre essa desordem estética ainda há o mau gosto da exploração da pornografia” (“Fala o poeta”. Entrevista veiculada em *Leia*, São Paulo, no 82, pp. 22-3, ago. 1985).

6 Segundo Rita de Cássia Barbosa, os poemas eróticos de Drummond circulavam em grupos restritos desde os anos 1970; dos 39 que comporiam mais tarde o livro *O amor natural*, ao menos nove foram publicados em periódicos entre 1975 e 1983, incluindo-se “A castidade com que abria as coxas”, na revista *Homem*; “Amor — pois que é palavra essencial”, lançado na *Ele e Ela*; e “A moça mostrava a coxa”, na revista *Status*. Rita Barbosa aventa a possibilidade de que o lançamento de alguns de seus poemas em revistas pornográficas seja também uma resposta ardilosa de Drummond à vulgaridade e à banalização do sexo condenadas publicamente por ele (*Poemas eróticos de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Ática, 1987, pp. 54-5).

7 “A carne é triste depois da felação”, de *O amor natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 39.

8 “As contradições do corpo”, de *Corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 11.

9 Embora não trate especificamente de *Amar se aprende amando*, Vivaldo Andrade dos Santos demonstra como o corpo constitui uma das matrizes da subjetividade drummondiana desde o seu primeiro livro, o que aponta para uma visão mundana da existência (*O trem do corpo: Estudo da poesia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Nankin, 2006, p. 196).

10 “Drummond: O aprendizado pelo amor e outras poesias a caminho”, entrevista concedida a Beatriz Bonfim. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 abr. 1985.

11 Em entrevista a Geneton Moraes Neto, Drummond compara a escritura do poema ao ato amoroso: “Você sabe: pelo menos na minha experiência pessoal, há uma emoção grande e uma alegria no momento de escrever o poema. Uma vez feito, é como o ato amoroso. Você sente o orgasmo, sai a poluição e depois aquilo acabou. Fica uma lembrança agradável, mas você não pode dizer que aquele orgasmo foi melhor do que o outro! [Ri.] O mecanismo não é o mesmo, a reação não é a mesma” (*O dossiê Drummond*. São Paulo: Globo, 1994, pp. 44-5).

12 “Epitalâmio”, de *Amar se aprende amando*, p. 28.

13 Ver, a respeito, as declarações de Drummond na crônica “O poeta se diverte” (*Passeios na ilha: Divagações sobre a vida literária e outras matérias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, p. 90).

14 “Elevado desaba, mata dezenas e esmaga carros e ônibus na Paulo de Frontin” era a manchete do *Jornal do Brasil* de 21 de novembro de 1971. A extensa matéria informava que “a tragédia ocorreu no momento em que um grande caminhão betoneira, com oito toneladas de cimento e pedra, passava sobre o elevado na altura do cruzamento com a rua Haddock Lobo; 122 metros de pista desabaram, provocando um enorme estrondo e levantando uma imensa nuvem de areia, cimento e pó” (*Jornal do Brasil*, 21 nov. 1971, p. 1). Na sequência, o jornal relata os adiamentos, atrasos e desmentidos por parte dos responsáveis pela obra iniciada em 1969, autoridades ligadas ao Departamento de Estradas de Rodagem da Guanabara.

15 Na entrevista a Beatriz Bonfim, já citada, o poeta afirma: “Não escrevi com essa intenção, mas este livro extrai da realidade cotidiana o alimento para a poesia. Diferente de outros meus em que a essência do ser, os problemas metafísicos ou o destino da humanidade eram predominantes”.

16 Id.

17 “A flor e a náusea”, de *A rosa do povo*, op. cit., p. 13.

18 Para se reterem as especificidades históricas e estéticas de cada uma dessas obras, ver Iumna Maria Simon, *Drummond, uma poética do risco* (São Paulo: Ática, 1978) e Vagner Camilo, *Drummond: Da rosa do povo à rosa das trevas* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2001).

Leituras recomendadas

BARBOSA, Rita de Cássia.

Poemas eróticos de Carlos Drummond de Andrade.

São Paulo: Ática, 1987.

LIMA, Mirela Vieira.

Confidência mineira: O amor na poesia de Carlos Drummond de Andrade.

São Paulo: Edusp, 1995.

MORAES NETO, Geneton.

O dossiê Drummond.

São Paulo: Globo, 1994.

SANTOS, Vivaldo Andrade dos.

O trem do corpo: Estudo da poesia de Carlos Drummond de Andrade.

São Paulo: Nankin, 2006.

Cronologia

1902 Nasce Carlos Drummond de Andrade, em 31 de outubro, na cidade de Itabira do Mato Dentro (MG), nono filho de Carlos de Paula Andrade, fazendeiro, e Julieta Augusta Drummond de Andrade.

1910 Inicia o curso primário no Grupo Escolar Dr. Carvalho Brito.

1916 É matriculado como aluno interno no Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte. Conhece Gustavo Capanema e Afonso Arinos de Melo Franco. Interrompe os estudos por motivo de saúde.

1917 De volta a Itabira, toma aulas particulares com o professor Emílio Magalhães.

1918 Aluno interno do Colégio Anchieta da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo, colabora na *Aurora Colegial*. No único exemplar do jornalzinho *Maio...*, de Itabira, o irmão Altivo publica o seu poema em prosa “Onda”.

1919 É expulso do colégio em consequência de incidente com o professor de português. Motivo: “insubordinação mental”.

1920 Acompanha sua família em mudança para Belo Horizonte.

1921 Publica seus primeiros trabalhos no *Diário de Minas*. Frequenta a vida literária de Belo Horizonte. Amizade com Milton Campos, Abgar Renault, Emílio Moura, Alberto Campos, Mário Casassanta, João Alphonsus, Batista Santiago, Aníbal Machado, Pedro Nava, Gabriel Passos, Heitor de Sousa e João Pinheiro Filho, habitués da Livraria Alves e do Café Estrela.

1922 Seu conto “Joaquim do Telhado” vence o concurso da *Novela Mineira*. Trava contato com Álvaro Moreyra, diretor de *Para Todos...* e *Ilustração Brasileira*, no Rio de Janeiro, que publica seus trabalhos.

1923 Ingressa na Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte.

1924 Conhece, no Grande Hotel de Belo Horizonte, Blaise Cendrars, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, que regressam de excursão às cidades históricas de Minas Gerais.

- 1925 Casa-se com Dolores Dutra de Moraes. Participa — juntamente com Martins de Almeida, Emílio Moura e Gregoriano Canedo — do lançamento de *A Revista*.
- 1926 Sem interesse pela profissão de farmacêutico, cujo curso concluíra no ano anterior, e não se adaptando à vida rural, passa a lecionar geografia e português em Itabira. Volta a Belo Horizonte e, por iniciativa de Alberto Campos, ocupa o posto de redator e depois redator-chefe do *Diário de Minas*. Villa-Lobos compõe uma seresta sobre o poema “Cantiga de viúvo” (que iria integrar *Alguma poesia*, seu livro de estreia).
- 1927 Nasce em 22 de março seu filho, Carlos Flávio, que morre meia hora depois de vir ao mundo.
- 1928 Nascimento de sua filha, Maria Julieta. Publica “No meio do caminho” na *Revista de Antropofagia*, de São Paulo, dando início à carreira escandalosa do poema. Torna-se auxiliar na redação da *Revista do Ensino*, da Secretaria de Educação.
- 1929 Deixa o *Diário de Minas* e passa a trabalhar no *Minas Gerais*, órgão oficial do estado, como auxiliar de redação e, pouco depois, redator.
- 1930 *Alguma poesia*, seu livro de estreia, sai com quinhentos exemplares sob o selo imaginário de Edições Pindorama, de Eduardo Frieiro. Assume o cargo de auxiliar de gabinete de Cristiano Machado, secretário do Interior. Passa a oficial de gabinete quando seu amigo Gustavo Capanema assume o cargo.
- 1931 Morre seu pai.
- 1933 Redator de *A Tribuna*. Acompanha Gustavo Capanema durante os três meses em que este foi interventor federal em Minas.
- 1934 Volta às redações: *Minas Gerais*, *Estado de Minas*, *Diário da Tarde*, simultaneamente. Publica *Brejo das Almas* (duzentos exemplares) pela cooperativa Os Amigos do Livro. Transfere-se para o Rio de Janeiro como chefe de gabinete de Gustavo Capanema, novo ministro da Educação e Saúde Pública.
- 1935 Responde pelo expediente da Diretoria-Geral de Educação e é membro da Comissão de Eficiência do Ministério da Educação.
- 1937 Colabora na *Revista Acadêmica*, de Murilo Miranda.
- 1940 Publica *Sentimento do mundo*, distribuindo entre amigos e escritores os 150 exemplares da tiragem.
- 1941 Mantém na revista *Euclides*, de Simões dos Reis, a seção “Conversa de Livraria”, assinada por “O Observador Literário”. Colabora no suplemento literário de *A Manhã*.

1942 Publica *Poesias*, na prestigiosa Editora José Olympio.

1943 Sua tradução de *Thérèse Desqueyroux*, de François Mauriac, vem a lume sob o título *Uma gota de veneno*.

1944 Publica *Confissões de Minas*.

1945 Publica *A rosa do povo* e *O gerente*. Colabora no suplemento literário do *Correio da Manhã* e na *Folha Carioca*. Deixa a chefia do gabinete de Capanema e, a convite de Luís Carlos Prestes, figura como codiretor do diário comunista *Tribuna Popular*. Afasta-se meses depois por discordar da orientação do jornal. Trabalha na Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), onde mais tarde se tornará chefe da Seção de História, na Divisão de Estudos e Tombamento.

1946 Recebe o Prêmio de Conjunto de Obra, da Sociedade Felipe d'Oliveira.

1947 É publicada a sua tradução de *Les Liaisons dangereuses*, de Laclos.

1948 Publica *Poesia até agora*. Colabora em *Política e Letras*. Acompanha o enterro de sua mãe, em Itabira. Na mesma hora, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, é executado o “Poema de Itabira”, de Villa-Lobos, a partir do seu poema “Viagem na família”.

1949 Volta a escrever no *Minas Gerais*. Sua filha, Maria Julieta, casa-se com o escritor e advogado argentino Manuel Graña Etcheverry e vai morar em Buenos Aires. Participa do movimento pela escolha de uma diretoria apolítica na Associação Brasileira de Escritores. Contudo, juntamente com outros companheiros, desliga-se da sociedade por causa de atritos com o grupo esquerdista.

1950 Viaja a Buenos Aires para acompanhar o nascimento do primeiro neto, Carlos Manuel.

1951 Publica *Claro enigma*, *Contos de aprendiz* e *A mesa*. O volume *Poemas* é publicado em Madri.

1952 Publica *Passeios na ilha* e *Viola de bolso*.

1953 Exonera-se do cargo de redator do *Minas Gerais* ao ser estabilizada sua situação de funcionário da DPHAN. Vai a Buenos Aires para o nascimento do seu neto Luís Maurício. Na capital argentina aparece o volume *Dos poemas*.

1954 Publica *Fazendeiro do ar* & *Poesia até agora*. É publicada sua tradução de *Les Paysans*, de Balzac. A série de palestras “Quase memórias”, em diálogo com Lia Cavalcanti, é veiculada pela Rádio Ministério da Educação. Dá início à série de crônicas “Imagens”, no *Correio da Manhã*, mantida até 1969.

- 1955 Publica *Viola de bolso novamente encordoada*. O livreiro Carlos Ribeiro publica edição fora de comércio do *Soneto da buquinagem*.
- 1956 Publica *Cinquenta poemas escolhidos pelo autor*. Sai sua tradução de *Albertine disparue*, ou *La Fugitive*, de Marcel Proust.
- 1957 Publica *Fala, amendoeira* e *Ciclo*.
- 1958 Uma pequena seleção de seus poemas é publicada na Argentina.
- 1959 Publica *Poemas*. Ganha os palcos a sua tradução de *Doña Rosita la Soltera*, de García Lorca, pela qual recebe o Prêmio Padre Ventura.
- 1960 É publicada a sua tradução de *Oiseaux-Mouches Ornithorynques du Brésil*, de Descourtiz. Colabora em *Mundo Ilustrado*. Nasce em Buenos Aires seu neto Pedro Augusto.
- 1961 Colabora no programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação. Morre seu irmão Altivo.
- 1962 Publica *Lição de coisas*, *Antologia poética* e *A bolsa & a vida*. Aparecem as traduções de *L'Oiseau bleu*, de Maeterlinck, e *Les Fourberies de Scapin*, de Molière, recebendo por esta novamente o Prêmio Padre Ventura. Aposenta-se como chefe de seção da DPHAN, após 35 anos de serviço público.
- 1963 Aparece a sua tradução de *Sult (Fome)*, de Knut Hamsun. Recebe, pelo livro *Lição de coisas*, os prêmios Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores, e Luísa Cláudio de Sousa, do PEN Clube do Brasil. Inicia o programa *Cadeira de Balanço*, na Rádio Ministério da Educação.
- 1964 Publicação da *Obra completa*, pela Aguilar. Início das visitas, aos sábados, à biblioteca de Plínio Doyle, evento mais tarde batizado de “Sabadoyle”.
- 1965 Publicação de *Antologia poética* (Portugal); *In the Middle of the Road* (Estados Unidos); *Poesie* (Alemanha). Com Manuel Bandeira, edita *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Colabora em *Pulso*.
- 1966 Publicação de *Cadeira de balanço* e de *Natten och Rosen* (Suécia).
- 1967 Publica *Versiprosa*, *José & outros*, *Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema*, *Minas Gerais (Brasil, terra e alma)*, *Mundo, vasto mundo* (Buenos Aires) e *Fyzika Strachu* (Praga).
- 1968 Publica *Boitempo* & *A falta que ama*.

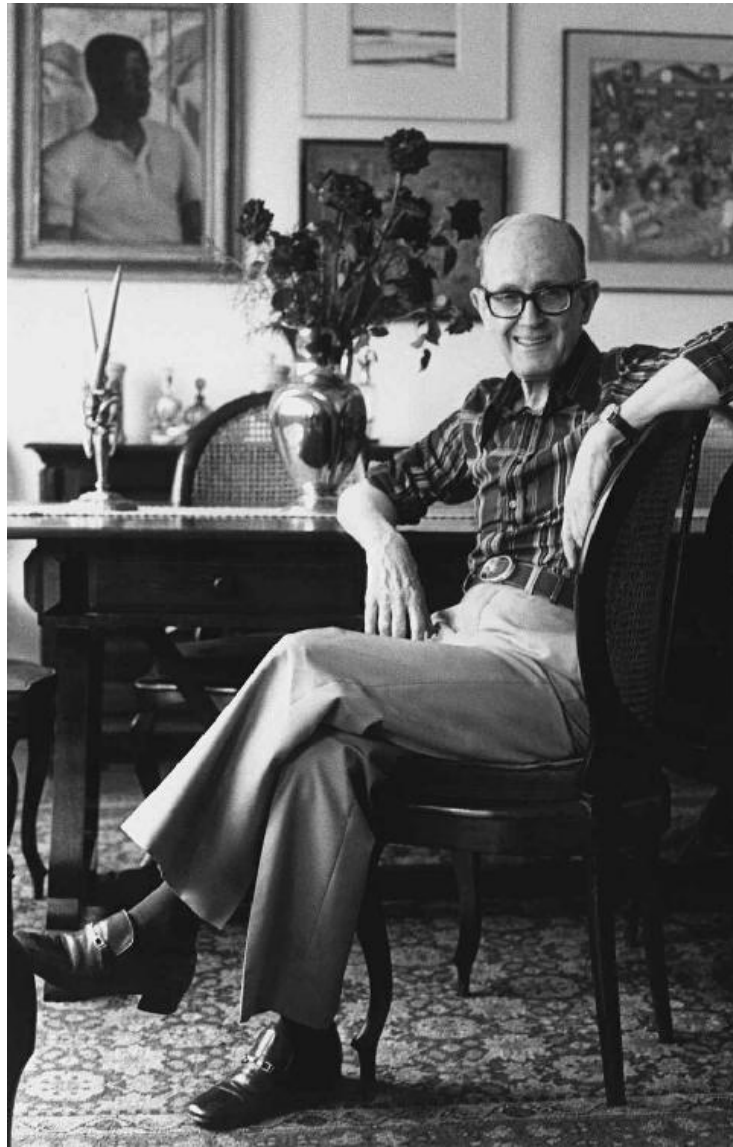
- 1969 Passa a colaborar no *Jornal do Brasil*. Publica *Reunião* (dez livros de poesia).
- 1970 Publica *Caminhos de João Brandão*.
- 1971 Publica *Seleção em prosa e verso*. Sai em Cuba a edição de *Poemas*.
- 1972 Publica *O poder ultrajovem*. Suas sete décadas de vida são celebradas em suplementos pelos maiores jornais brasileiros.
- 1973 Publica *As impurezas do branco, Menino antigo, La bolsa y la vida* (Buenos Aires) e *Réunion* (Paris).
- 1974 Recebe o Prêmio de Poesia da Associação Paulista de Críticos Literários.
- 1975 Publica *Amor, amores*. Recebe o Prêmio Nacional Walmap de Literatura. Recusa por motivo de consciência o Prêmio Brasília de Literatura, da Fundação Cultural do Distrito Federal.
- 1977 Publica *A visita, Discurso de primavera e Os dias lindos*. É publicada na Bulgária uma antologia intitulada *Sentimento do mundo*.
- 1978 A Editora José Olympio publica a segunda edição (corrigida e aumentada) de *Discurso de primavera e algumas sombras*. Publica *O marginal Clorindo Gato e 70 historinhas*, reunião de pequenas histórias selecionadas em seus livros de crônicas. *Amar-Amargo* e *El poder ultrajoven* saem na Argentina. A PolyGram lança dois LPs com 38 poemas lidos pelo autor.
- 1979 Publica *Poesia e prosa*, revista e atualizada, pela Editora Nova Aguilar. Sai também seu livro *Esquecer para lembrar*.
- 1980 Recebe os prêmios Estácio de Sá, de jornalismo, e Morgado Mateus (Portugal), de poesia. Publicação de *A paixão medida, En Rost at Folket* (Suécia), *The Minus Sign* (Estados Unidos), *Poemas* (Holanda) e *Fleur, téléphone et jeune fille...* (França).
- 1981 Publica, em edição fora de comércio, *Contos plausíveis*. Com Ziraldo, lança *O pipoqueiro da esquina*. Sai a edição inglesa de *The Minus Sign*.
- 1982 Aniversário de oitenta anos. A Biblioteca Nacional e a Casa de Rui Barbosa promovem exposições comemorativas. Recebe o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Publica *A lição do amigo*. Sai no México a edição de *Poemas*.
- 1983 Declina do Troféu Juca Pato. Publica *Nova reunião* e o infantil *O elefante*.

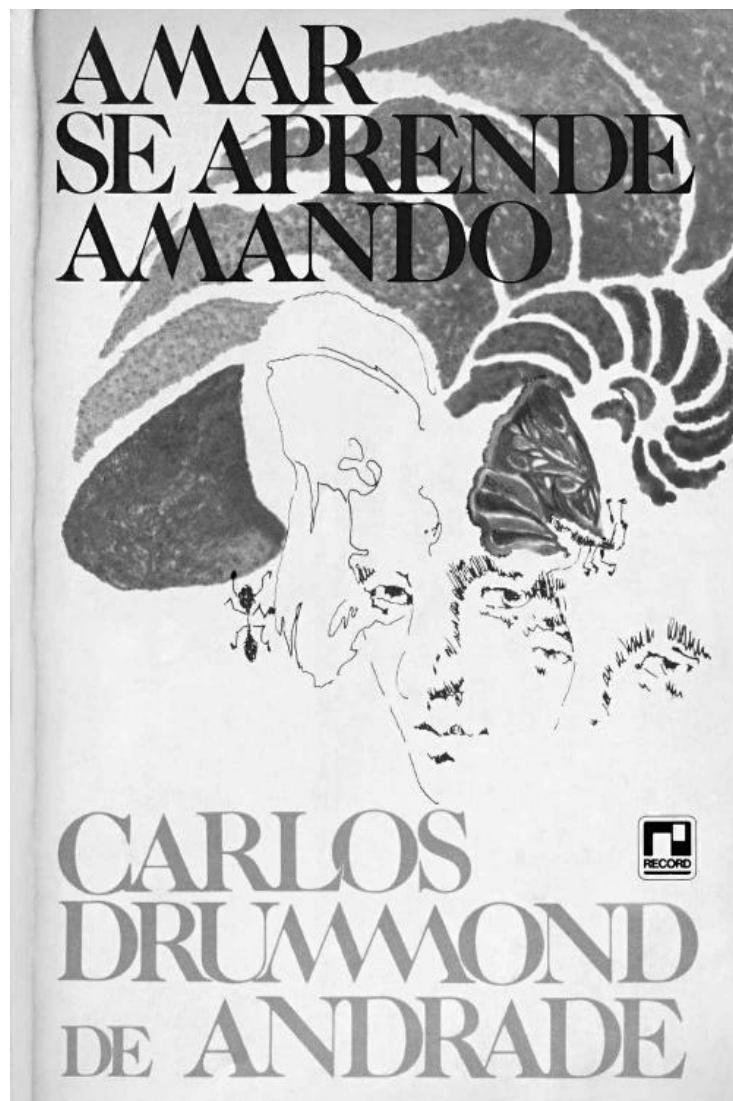
1984 Publica *Boca de luar e Corpo*. Encerra sua carreira de cronista regular após 64 anos dedicados ao jornalismo.

1985 Publica *Amar se aprende amando*, *O observador no escritório*, *História de dois amores* (infantil) e *Amor, sinal estranho* (edição de arte). Lançamento comercial de *Contos plausíveis*. Publicação de *Fran Oxen Tid* (Suécia).

1986 Publica *Tempo, vida, poesia*. Sofrendo de insuficiência cardíaca, passa catorze dias hospitalizado. Edição inglesa de *Travelling in the Family*.

1987 É homenageado com o samba-enredo “O reino das palavras”, pela Estação Primeira de Mangueira, que se sagra campeã do Carnaval. No dia 5 de agosto morre sua filha, Maria Julieta, vítima de câncer. Muito abalado, morre em 17 de agosto.





Capa da primeira edição de *Amar se aprende amando*, de 1985.



O poeta em 1972.

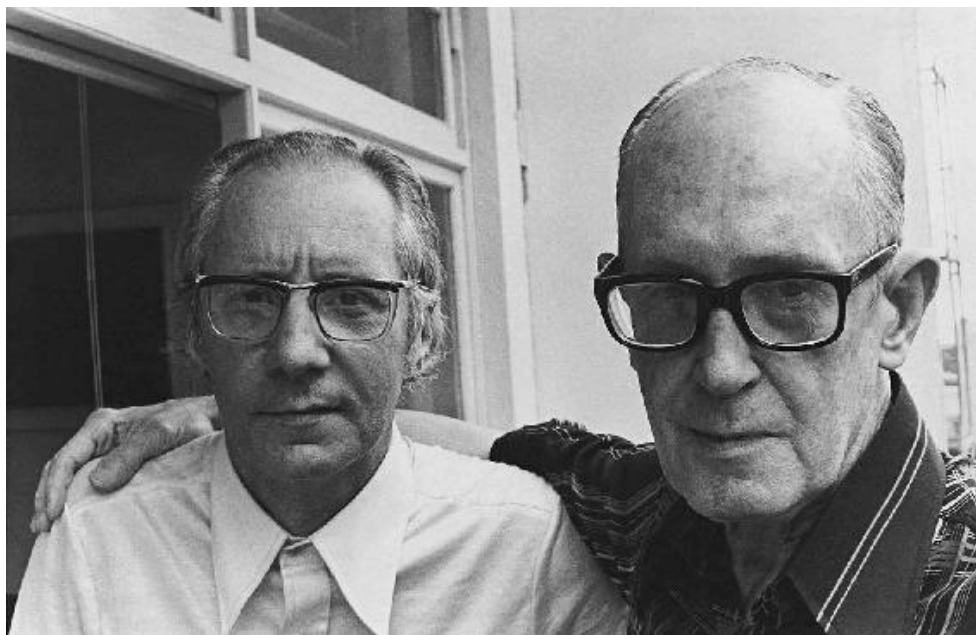


Carlos Drummond de Andrade e a esposa
Dolores Dutra de Moraes em 1964.

DOLORES



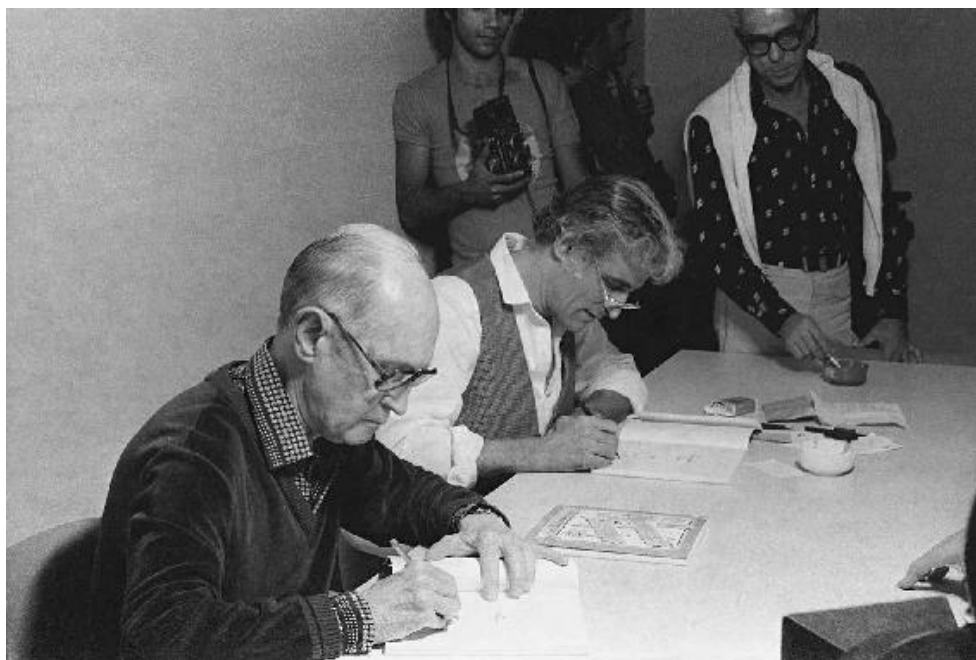
1932



Em 1977, Drummond e o amigo Alphonsus de Guimaraens Filho, a quem ele dedica o poema “O combate da luz”.



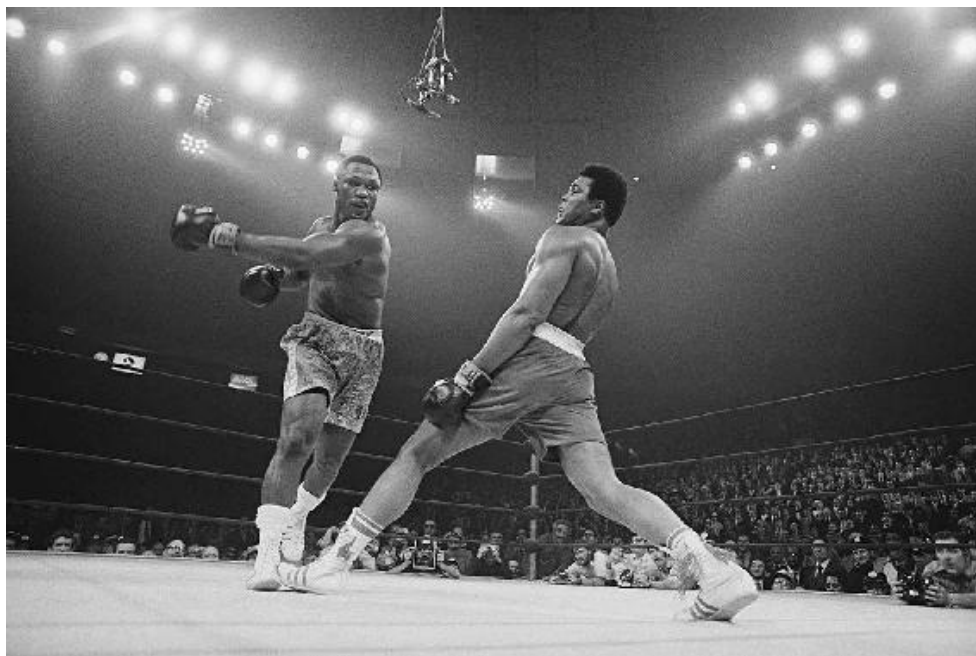
O poeta e o amigo Pedro Nava.



Drummond e Ziraldo no dia do lançamento do livro *O pipoqueiro na esquina*, em 1981.



“Fotografia — é o codinome/ da mais aguda percepção”,
diz o poeta em “Diante das fotos de Evandro Teixeira”.



Conhecida como “a luta do século”, o encontro de Cassius Clay e Joe Frazier nos ringues em 1971 foi tema do poema “Em março, esta semana”.

Crédito das imagens

Todos os esforços foram feitos para reconhecer os direitos autorais das imagens. A editora agradece qualquer informação relativa à autoria, titularidade e/ ou outros dados, se comprometendo a incluí-los em edições futuras.

1: Retrato de Carlos Drummond de Andrade:
Luiz Alphonsus

2: Carlos Drummond de Andrade, *Amar se aprende amando* (São Paulo: Record, 1985).

3, 4, 5, 7: Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa/ Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Fundo Carlos Drummond de Andrade. Fundo Carlos Drummond de Andrade. Reprodução de Ailton Alexandre da Silva.

6: Luiz Alphonsus.

8: Pedro Drummond.

9: Repressão da cavalaria na missa do estudante Edson Luiz, Igreja da Candelária, Rio de Janeiro, 1968. Evandro Teixeira.

10: Bettmann/ Getty Images.

Índice de títulos e primeiros versos

A amiga voltou
A Bolsa, o bolso
“À Bolsa!” é o novo grito. A Bolsa, a vida
A casa de Helena é a casa de daqui a 20 anos
A Escola de Samba Unidos da Floresta
A excitante fila do feijão
A festa de Ziraldo
A gente passa, a gente olha, a gente para
“A kiss, un baiser, un bacio”
A kiss, un baiser, un bacio
A lamentável história dos namorados
A paz entre os maçons
A paz tenta pousar no Vietname
A pessoa, o lugar, o objeto
A poluição faz rios coloridos.
A Praça da Estação em Belo Horizonte
A queda
A semana foi assim
A semana? Passou que nem corisco
A voz lhe disse (uma secreta voz):
Ai dos macacos
Ai dos macacos, ai dos macacos
Alberto pequeno coxo
Alceu e Tristão: o nome
Alceu, radiante espelho
Além da Terra, além do Céu
Além da Terra, além do Céu
Amiga, como são desnorteantes
Amigo lixeiro, mais paciência.
Amor
Ante o decisório
Antonio Candido ou
Aqui havia uma praça
As notícias
Assanhamento
Atirei um limão n’água
Aumenta o salário mínimo?
Brinquedos para homens
Carece urgentemente construir
Cariocas:
Carnaval chegando
Caro Luís inspetor federal de colégios

— *Caro mestre estruturalista*
Centenário
Companheiro
Compra-se um
Conversa com o lixeiro
Conversa de amigos
Cultivando o prazer de andar a pé
Dezembro, e dói (ou não?) um pouco
Diante das fotos de Evandro Teixeira
E lá se foi aquela extraordinária
É rima difícil: Câmara
E Robbe-Grillet, de um lance
— *E vem um novo inverno todo em vês*
Eis que o tempo chegou de celebrar Ana Cecília
Em grupo ou sozinho
Em março, esta semana
Em memória de Alphonsus de Guimaraens
Em Paris, um tratado
Embora eu seja adulto
Epitalâmio
Era bom traduzir os sonetos de Herédia
Esboço de figura
Esparsos de 1976
Esse mocinho Nava, tão levado
Esta dúvida mordente
Eu quisera ver o mundo
Eu quisera ver o mundo
Faço e ninguém me responde
Fazer 70 anos
Fazer 70 anos não é simples.
Festival em verso
Florinda Bulcão, florido
Foi-se a Copa?
Foi-se a Copa? Não faz mal.
Francisco Biquiba La Fuente Guarany
Janeiro:
Josef von Sternberg
Lá se vai Alceu, voltado para o futuro
Larga, poeta, a mesa de escritório
Liquidação de inverno
Lira do amor romântico
Lira pedestre
Manhã de domingo. Odylo nos deixa.
Mas esta é a velha Garbo, seminua
Matemática de cine
— *Meu capitão, alvíssaras! O ai-5*
Microlira
Miniversos
Muitas promessas não foram cumpridas nos últimos doze meses.
Musas latinas, musas gregas, musas

*Na piscina do Copa
Na tv, só teu retrato
Na violeta do entardecer
Namorados, namorados
Não quero saber de ipm, quero saber de ip.
Naquele maio
Ninguém pergunta mais:
No Salão Moderno
Notícias de janeiro
Nova Rua São José
Novo serviço: tacar fogo
O amor antigo
O amor antigo vive de si mesmo
O amor determina
O amor determina hoje que se casem
O broto de 15
O cafezinho está mais caro?
O combate da luz
O combate da luz
O correio de amigos é doçura
O correio de amigos é doçura
O destino de Edgard Mata
O diretor de Uma aventura no espaço
O errante colar de lembranças e metáforas
O escritor
O esquadrão primeiro, depois
O mundo é grande
O mundo é grande e cabe
Ó Palácio da Cultura!
O papagaio atleticano
O poema da Bahia que não foi escrito
O poeta é notoriamente Prior do Desgosto
O que Alécio vê
Ó que lance extraordinário:
O ser busca o outro ser, e ao conhecê-lo
O tempo passa? Não passa
O tempo passa? Não passa
O velho político pessedista
Odylo, na manhã
Olha o ajuntamento na calçada
Pálida Joaninha
Por mera precaução
Por que caiu o elevador?
Praia palma paz
Pré-inverno
Presença de Mira
Primeiro morto
Problema na pista:
— Qual a sua fantasia para o baile do Municipal?
Qualquer dia*

— *Que dura arquibancada!* — *Este protesta.*
Que venha o censo de 70
Que vontade antiga de ir a Roma
Reconhecimento do amor
Relatório de maio
Reunião em dezembro
Rio em flor de janeiro
Salário
Se sai o tabelamento
Segunda-feira a gente ficou presa
Seis manequins
Sequestro de Guilhermino César
Simone de Beauvoir, tua lição
Sonetos heredianos
Tempo de ipê
Textos mínimos
Tim-tim para Luís Martins
Trintignant
Tudo tem limite
Ully, Ully, lullaby
Um dia convoco Cyro dos Anjos e planejo com ele um sequestro.
Um dia — faz muito, muito tempo —
Úni dúni têni
Úni dúni têni
Ver e ouvir, sem brincar
Versos para Ana Cecília, do Recife
Volto à casa de Helena
Vou à festa de Ziraldo

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

O poema “Festival em verso” foi publicado em *Versiprosa* (São Paulo: Companhia das Letras, 2017) com o título “Festivais” e pequenas variantes.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Raul Loureiro sobre detalhe de *Transposição 1*, de Wanda Pimentel, vinílica sobre tela, 130 × 97,2 cm, 1968. Reprodução de Romulo Fialdini e Valentino Fialdini

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Antonio Carlos Secchin

PREPARAÇÃO

Silvia Massimini Felix

REVISÃO

Angela das Neves

Fernando Nuno

ISBN 978-85-5451-074-9

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras



**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**
BOITEMPO —
ESQUECER PARA
LEMBRAR

COMPANHIA DAS LETRAS

Boitempo - Esquecer para lembrar

de Andrade, Carlos Drummond

9788543809564

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

O lado memorialista do poeta de setes faces em nova edição. Segundo volume das lembranças poéticas de Carlos Drummond de Andrade, este livro é parte do grande empreendimento memorialístico realizado pelo poeta mineiro que se inicia em 1968, com a publicação de Boitempo e A falta que ama, seguido de Menino antigo, em 1973, e Esquecer para lembrar, de 1979. A aparente simplicidade dos poemas encobre o alcance das memórias do poeta mineiro: quando fala de Itabira, Drummond rememora mais do que o próprio passado,

dando a conhecer a herança escravagista de Minas Gerais e do Brasil. Quando conta sua estadia no colégio Friburgo, explora também sua relação com a religião. Seus anos de "mocidade solta" narram uma Belo Horizonte que é progresso e periferia, como nota o poeta, entre espanto e melancolia: "Aqui ninguém bate palmas. Toca-se campainha."

[Compre agora e leia](#)



CARLOS

DRUMMOND

DE ANDRADE

NOVA

REUNIÃO

23 LIVROS DE

POESIA

COMPANHIA DAS LETRAS

Nova reunião

Andrade, Carlos Drummond de

9788543804002

928 páginas

[Compre agora e leia](#)

Num único volume, uma viagem panorâmica e instrutiva pela obra de um dos mais importantes poetas brasileiros. E com preço acessível. Em 1969, Drummond publicou sua Reunião em um único volume. Recolhia, ali, os dez livros que escrevera até então, incluindo Alguma poesia (1930), sua obra de estreia. Mais tarde foi acrescentando outros volumes, até 1983, quando trouxe a lume, já sob o nome Nova reunião, dezenove títulos de sua lírica. Depois da morte do poeta, os netos Luis Mauricio e Pedro Graña Drummond complementaram a

obra com trechos de livros posteriores. O resultado, ideal para estudantes e amantes de poesia, é esta Nova reunião de 23 livros em um único volume. Um amplo painel da obra de Carlos Drummond de Andrade, que atravessou boa parte do século XX construindo um depoimento - lírico e político, metafísico e sensual - sobre o Brasil.

[Compre agora e leia](#)

O livro que inspirou a
premiada série da HBO

Elizabeth Strout

Olive Kitteridge

Vencedor do prêmio Pulitzer

COMPANHIA DAS LETRAS

Olive Kitteridge

Strout, Elizabeth

9788554510848

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Vencedor do prêmio Pulitzer de ficção, o livro que deu origem à premiada minissérie da HBO de mesmo nome, com Frances McDormand no papel principal. De uma franqueza quase rude mas afetuosa à sua maneira, Olive Kitteridge, fascinante em toda a sua imperfeição, é a figura inesquecível em torno da qual gravitam as treze histórias que se entrelaçam e compõem este livro da mesma autora de *Meu nome é Lucy Barton*. Na prosa precisa e elegante de Elizabeth Strout, o leitor conhecerá esta professora de matemática aposentada da

pequena Crosby, no litoral do Maine. Ao longo de quase trinta anos, acompanhamos sua trajetória: a passagem da maturidade à velhice, suas próprias agruras e os pequenos e grandes dramas que a cercam, assim como as vidas que se desenrolam ao seu redor e que ilustram à perfeição o drama humano, feito de desejo, desespero, ciúme, esperança e amor. O prazer de ler Olive Kitteridge vem de nossa identificação com personagens nem sempre admiráveis. Sem nenhum sentimentalismo, Elizabeth Strout nos mostra que tentar compreender as pessoas e se solidarizar com elas é sempre o melhor caminho."A prosa de Elizabeth Strout é iluminada por momentos de espantoso brilho poético." — The New Yorker

[Compre agora e leia](#)



"TUDO OS MOMENTOS, MESMO AQUI, ES SUPOSTAMENTE
ENFECIANTES, TEM A INTENSIDADE DE UMA DESCARGA DE ADRENALINA,
DO A CLAREZA ATERRAPORA DA VERGONHA RELEMBRADA."

THE ATLANTIC

KARL
OVE
KNAUSGÅRD

MINHA LUTA 5

A DESCOBERTA
DA ESCRITA

COMPANHIA DAS LETRAS

A descoberta da escrita

Knausgård, Karl Ove

9788543810256

624 páginas

[Compre agora e leia](#)

No quinto volume da série Minha luta, Knausgård expõe com maestria e riqueza de detalhes seus anos de formação como escritor. Aqueles que acreditam que o talento literário se resume a uma vocação inata não podem deixar de ler A descoberta da escrita, quinto volume da série que ultrapassou as fronteiras da Noruega para ganhar o restante do mundo, consagrando-se como um dos maiores sucessos literários dos últimos tempos. Neste romance autobiográfico, o autor percorre seus anos de estudante de escrita criativa na

cidade universitária de Bergen. Com a honestidade que lhe é característica, explicita as dificuldades e frustrações que permeiam o caminho de todo aspirante a romancista: "eu sabia pouco, queria muito e não conseguia nada", confessa o narrador. Às intempéries da formação de escritor somam-se os conflitos e inseguranças da juventude, permeados por episódios de bebedeira, brigas, insucessos românticos e toda sorte de golpes ao narcisismo pueril daquele que viria a se tornar o maior escritor vivo da Noruega.

[Compre agora e leia](#)

A PAIXÃO
DE
MADEMOISELLE S.

APRESENTADO
POR
JEAN-YVES BERTHAULT



COMPANHIA DAS LETRAS

A paixão de Mademoiselle S.

Anônimo

9788554510817

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um surpreendente relato verídico de luxúria na Paris dos anos 1920. Parece mentira, mas não é: enquanto ajudava uma amiga a esvaziar o sótão de uma casa, o diplomata francês Jean-Yves Berthault descobriu por acaso uma antiga sacola de couro com iniciais gravadas em prateado. Dentro dela, cartas de amor, escritas pela mesma pessoa, "numa linguagem mais que ousada, inacreditável em matéria de audácia erótica". Datada dos anos 1920, essa correspondência, assinada por uma misteriosa Simone, está dirigida a seu amante Charles, um

homem mais jovem e casado. Nela, a autora, uma parisiense de classe alta, expressa seus desejos e fantasias enquanto adentra um universo de prazer físico que, conforme rompe tabus, toma rumos inesperados. Escrito em uma linguagem tão elegante quanto explícita, este tesouro epistolar é uma jornada de despertar sexual e exploração psicológica no qual uma mulher corajosa desafia as fronteiras que a sociedade impunha a seu sexo e classe para encontrar a liberdade e, em última instância, a si própria.

[Compre agora e leia](#)